

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE JARDIM
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM GEOGRAFIA**

ALEXANDER CHIMENES

**A VIOLÊNCIA NA FRONTEIRA BRASIL-PARAGUAI E SEUS REFLEXOS NA
PAISAGEM URBANA: O CASO DE BELA VISTA/MS**

JARDIM – MS

2010

ALEXANDER CHIMENES

**A VIOLÊNCIA NA FRONTEIRA BRASIL-PARAGUAI E SEUS REFLEXOS NA
PAISAGEM URBANA: O CASO DE BELA VISTA/MS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Geografia da Universidade Estadual de
Mato Grosso do Sul como parte das exigências
para a obtenção do título de Licenciado em
Geografia

Orientador: Prof. Dr. Roberto Ortiz Paixão

JARDIM – MS

2010

FICHA CATALOGRÁFICA

CHIMENES, Alexander.

A violência na fronteira Brasil-Paraguai e seus reflexos na paisagem urbana: o caso de Bela Vista/MS.

Jardim – MS, 51 p.2010.

1. Violência, 2. Fronteiras, 3. Paisagem Urbana.

É concedida a Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul permissão para reproduzir cópias deste Trabalho de Conclusão de Curso, somente para fins acadêmicos científicos.

Alexander Chimenes

TERMO DE APROVAÇÃO

ALEXANDER CHIMENES

**A VIOLÊNCIA NA FRONTEIRA BRASIL-PARAGUAI E SEUS REFLEXOS NA
PAISAGEM URBANA: O CASO DE BELA VISTA/MS**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado como parte das exigências para obtenção do título de Licenciado em Geografia da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – UEMS Unidade Universitária de Jardim – MS, pela seguinte banca examinadora:

Orientador: _____

**Prof.Dr. Roberto Ortiz Paixão
UEMS**

**Prof. MSc. Elvis dos Santos Mattos
UEMS**

**Prof^a. MSc. Gezeli Eberhard
UEMS**

Jardim - MS, 29 de Novembro de 2010

Dedico este trabalho *a minha família*. Em especial aos meus pais: *Dionísio Chimenes e Maria Elizabeth da Conceição Chimenes*. Sem os quais não teria chegado aqui.

AGRADECIMENTOS

Existem situações na vida em que é fundamental poder contar com o apoio e a ajuda de algumas pessoas.

Para a realização deste trabalho de conclusão de curso pude contar com várias. E a essas pessoas prestarei, através de poucas palavras, os mais sinceros agradecimentos.

Ao Prof. Dr. Roberto Ortiz Paixão, orientador deste trabalho, pelos seus conhecimentos, sua atenção e boa vontade.

A todos da Delegacia de Polícia Civil de Bela Vista/MS, pela cordialidade com que me receberam em seus setores e pela prestação das valiosas informações que serviram de estudo para este trabalho.

Aos responsáveis pelas empresas, Protec monitoramento 24h e Mundos das Antenas, pela atenção e presteza nas informações.

Aos que participam de minha vida, de forma direta, quero agradecer muito a minha mãe e ao meu pai que nas horas difíceis, cultivaram inabalavelmente a vontade de escolarizar os filhos.

A Caroline Romani, pelas incontáveis discussões a respeito da ciência geográfica, e por se fazer presente na longa caminhada desta graduação. Meu obrigado e meu carinho.

Aos professores que compuseram o corpo docente do Curso de Geografia da UEMS. Sem vocês seria impossível, obrigado!

Quero muito agradecer também a todos os colegas da primeira turma de geografia da UEMS, Unidade Universitária de Jardim/MS. Foi bom conviver com vocês, Muito obrigado!

*“Violência alimenta a indústria da segurança
ou a indústria da segurança alimenta a violência?”*
(Milton Severiano, Caros Amigos, Novembro/2000)

RESUMO

CHIMENES, Alexander. **A violência na Fronteira Brasil-Paraguai e seus reflexos na paisagem urbana: o caso de Bela Vista/MS.** 2010. 54 p. Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul-UEMS, Jardim, 2010.

O município de Bela Vista/MS está localizado na porção sudoeste de Mato Grosso do Sul, encontra-se inserido num contexto territorial de fronteira, justaposto numa formação conurbada com o município vizinho de Bella Vista Norte, no Paraguai. Assim, o presente trabalho proporciona uma análise sobre as recentes transformações na paisagem urbana de Bela Vista/MS através da incorporação de equipamentos de segurança, instalação de grades, elevação de muros etc., na área central na cidade e, sua correlação com indicadores de violência e proximidade com a fronteira. Após a revisão bibliográfica sobre o tema, foram aplicados questionários a proprietários de imóveis que dispõem desses aparatos de segurança e suas respostas foram confrontadas com pesquisa junto à mídia eletrônica local, entrevistas com proprietários de empresas de segurança e consulta nos arquivos da Delegacia de Polícia local. Os resultados mostraram que as alterações nas fachadas prediais e na paisagem urbana decorrem, principalmente, do crescente índice de crimes contra o patrimônio do que pela localização fronteiriça do município de Bela Vista/MS.

Palavras-chave: Violência. Conurbação-Fronteiriça. Paisagem Urbana.

RESUMEN

CHIMENES, Alexander. **La violencia en la Frontera Brasil-Paraguay y sus reflejos en el paisaje urbana:** el caso de Bela Vista/MS. 2010. 54 p. Universidad Estadual del Mato Grosso do Sur-UEMS, Jardim, 2010.

El municipio de Bela Vista/MS está ubicado en Sur Oeste de Mato Grosso del Sur, se encuentra en un contexto territorial de frontera, esta lindado con la ciudad de Bella Vista Norte Paraguay. Así mismo, el presente trabajo específico en la análisis de las transformaciones actuales en el paisaje urbana de Bela Vista/MS, vemos a través de la incorporaciones de equipo de seguridad en las residências instalaciones de rejos en las ventanas, murallas altas, etc., en el area central, correlación con indicadores de violencia por proximidad de fronteras. Después de una revisión bibliográfica del tema, fueran aplicados cuestionários a los propietarios de inmuebles que disponen de esos aparatos de seguridad, y sus respuestas fueran confrontadas con pesquisa junto a la mídia electrónica local. Los resultados muestran las alteraciones de los prédios residencial y la paisaje urbana decorren, principalmente, del crecimiento índice de crimes contra el patrimônio, de la localización fronteriza del municipio de Bela Vista/MS.

Palabras-clave: Violencia. Gemela-ciudades. Paisaje Urbana.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01: Planta Urbana de Bela Vista - MS.	16
Figura 02: Faixa de fronteira: municípios 2003.	241
Figura 03: Zona de Fronteira: cidades – gêmeas.....	24
Figura 04: Monumento <i>Ñandepá</i>	42
Figura 05: Mapa de localização do município de Bela Vista-MS	43
Figura 06: Conurbação das cidades-gêmeas: Bela Vista (Brasil) e Bella Vista (Paraguai)	44
Figura 07: Residência da Área Central da cidade com cerca eletrificada	46
Figura 08: Gráfico das Ocorrências de Violência Urbana Contra o Patrimônio na Área Urbana de Bela Vista/MS	48
Figura 09: Edificação antiga com mecanismo de segurança – cerca eletrificada	48

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
METODOLOGIA.....	15
1 - PARA COMPREENDER AS CONURBAÇÕES FRONTEIRIÇAS: UMA ABORDAGEM CONCEITUAL.....	17
1.1. Fronteira e Limite	17
1.2. Fronteira: um conceito polissêmico.....	18
1.3. Problemas fronteiriços.....	19
1.4. Cidades - Gêmeas	23
2 - VIOLÊNCIA E PAISAGEM: PERSPECTIVAS À LEITURA DAS CONURBAÇÕES FRONTEIRIÇAS	28
2.1. Violência: a metamorfose conceitual	28
2.2. Violência Urbana.....	31
2.3. Paisagem: um conceito precedente a ciência geográfica.....	32
2.4. O sentido do termo paisagem	33
2.5. Paisagem Urbana	34
2.6. Paisagem urbana e espaço fronteiriço	37
3 - O PROCESSO HISTÓRICO DE OCUPAÇÃO DO MUNICÍPIO DE BELA VISTA/MS	39
3.1. Histórico do Município: a herança fronteiriça.....	39
3.2. Localização Geográfica	42
4 - O FENÔMENO DA VIOLÊNCIA NA CONURBAÇÃO FRONTEIRIÇA DE BELA VISTA/MS E SEUS EFEITOS NA PAISAGEM URBANA DA ÁREA CENTRAL	44
CONSIDERAÇÕES FINAIS	49
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	51

INTRODUÇÃO

As fronteiras são espaços diferenciados e, por conseguinte “especiais”. Já foram palco de sangrentas batalhas, como a guerra da Tríplice Aliança, que ficou conhecida mais como a guerra do Paraguai, onde em território *Bela-vistense*, ocorreram dois grandes combates, o combate do Nhandepá e o último combate da referida guerra, que Sydney Nunes Leite (2007), o intitulou de o combate de Bela Vista/MS.

As fronteiras, também representam lugares estratégicos, as cidades-gêmeas¹, ao combate de todo tipos de ilegalidade como também são estratégicas do ponto de vista das integrações institucionalizadas². Assim, para implementação de ações governamentais, esta última, depende de informações referentes às cidades localizadas no limite internacional e, muitos dessas informações são inexistentes em virtude da estrutura das cidades bem como sua localização geográfica, como apontou Carneiro Filho (2008), o que acaba dificultando qualquer proposta de integração governamental. Dessa maneira, muitas vezes as cidades-gêmeas fazem integrações mesmo sem decisão federal, como exemplo as cidades-gêmeas Ponta-Porã e Pedro Juan Caballero e Foz do Iguaçu, *Puerto Iguazú e Ciudad del Este*.³

As fronteiras também passaram a adquirir, sobretudo hoje, maior flexibilidade, visto que a circulação de bens, pessoas e serviços, tem-se intensificado em virtude de um mundo globalizado, que dispõem novas funções a mesma, dando-lhe um caráter de maior permeabilidade como expôs figueira, (2005).

Há muito tempo, as fronteiras são estigmatizadas, como *locus* de contrabando, pistolagem e outras formas de crime organizado (Cf. PAIXÃO, 2006). É evidente que a violência constitui um fenômeno também nas conurbações fronteiriças, ela está presente em toda sociedade, o que muda é o nível de sua ocorrência.

¹ Cf. Machado (2006 *apud* Carneiro Filho, 2008) As cidades-gêmeas são núcleos urbanos de um lado e de outro do limite internacional, cuja correlação entre ambas pode ser superior do que cada município com seu próprio território, apresentando-se em fronteira conurbada, justaposta simetricamente à linha divisória.

² Segundo Carneiro Filho (2008) integrações institucionalizadas como o desenvolvimento da faixa de fronteira é, atualmente, de competência do Ministério da Integração Nacional, que possui o Programa de Desenvolvimento Social da Faixa de Fronteira (PDFF). Através de acordos bilaterais, o Brasil vem estabelecendo bases jurídicas para um maior processo de integração e desenvolvimento da zona de fronteira, apesar de não existirem normas gerais que afetem a fronteira como um todo, uma vez que os acordos são bilaterais. A política de integração do Brasil com os países limítrofes vem sendo feita de forma segmentada. O objetivo do PDFF é buscar medidas que promovam uma integração planejada do país com seus vizinhos a partir das cidades-gêmeas. A implantação das ações de desenvolvimento da faixa de fronteira, no âmbito do referido programa do governo federal depende de dados referentes às cidades situadas no limite internacional.

³ Veja-se na página 25-26.

A violência está ainda muito associada à agressão, a força impetuosa, talvez, por que seja dessa forma conceituada por dicionários e enciclopédias. Assim, com o transcorrer do tempo, foram agregando mais significados a ela, e pode-se dizer que represente qualquer conduta que vá contra a lei e a ordem, ou até mesmo, formas de impor uma ordem, como apontaram (RIBEIRO; CHAVEIRO, 2009).

Segundo (QUEIROZ, 2001) a violência em algumas situações tem empregado novas dinâmicas territoriais, conseqüentemente, definindo e redefinindo paisagens. O aumento da violência e da criminalidade gera o sentimento de medo que por sua vez induz o indivíduo a criar elementos de fuga, isto é, proteção mesmo que efêmera. Assim, o ser humano busca o domínio do ambiente, como acontece nas cidades que vai se cercando de muros, grades, arames, fortalezas, sistemas eletrônicos de segurança, na busca de proteção a vulnerabilidade humana.

Dessa forma, tanto a violência quanto à criminalidade, produz de igual modo vítimas indiretas, que encontram nas conversas informais e nas elevadas taxas criminais, estimativas de vitimização. Assim, tais vítimas sentem-se inseguras e passam a investir em todo tipo de equipamentos de segurança, que lhes garantam a tão almejada proteção.

Partindo dessa perspectiva, a percepção da violência também se dá através da paisagem urbana, que nada mais é tudo aquilo que a visão alcança, segundo (SANTOS, 1988), ou seja, a paisagem urbana é o visível no instantâneo, e apregoa no seu conteúdo as relações sociais que a engendra e/ou altera. (Cf. CAVALCANTI, 2001).

Nesse sentido, a violência é entendida como uma relação social⁴ e, ao atingir um aumento significativo em macro e recentemente em micro escala, produz alterações na paisagem urbana, que ocorreu primeiramente nos grandes centros, agora está se tornando uma realidade em municípios de pequeno porte, como é o caso de Bela Vista/MS.

Nesse contexto de fronteira, Bela Vista/MS ainda é tida como uma cidade tranqüila e pacata, no imaginário dos seus habitantes, porém nos últimos anos a referida cidade tem sofrido alterações em sua paisagem urbana decorrentes dos elevados índices de crimes contra o patrimônio, através dos mecanismos de segurança privada, como cercas eletrificadas, grades, muros elevados, entre outras coisas, promovendo um recente processo de alteração das fachadas, com uma (re) impressão da paisagem urbana da área central da cidade, através de grades, cercas eletrificadas, ampliação de muros entre outros mecanismos para aumentar a

⁴ De acordo com Viana (2004 *apud* Ribeiro e Chaveiro, 2006), a violência é uma relação social caracterizada pela imposição, seja pela força física ou qualquer outra forma de constranger ou forçar aceitar algo indesejável ao desenvolvimento natural do indivíduo.

segurança patrimonial, que já não passa despercebida. Reproduzindo, não na mesma escala manifestações próprias aos grandes centros, ou aqueles marcados por índices de violência elevados.

Nesse quadro, essa pesquisa teve como principal objetivo analisar em que medida essas recentes transformações na paisagem urbana de Bela Vista/MS, com a incorporação de equipamentos de segurança, grades, elevação de muros, etc., são decorrentes da violência urbana de forma geral ou apresenta ligações pela localização desta cidade numa conurbação fronteiriça. Ou se resulta de ambos.

METODOLOGIA

Primeiramente, o trabalho voltou-se para o levantamento e discussão do material bibliográfico sobre conceitos como: violência, fronteira, paisagem e o urbano, procurando se ater tanto as questões teóricas quanto às metodológicas. Essa discussão teve o objetivo de fortalecer as bases teóricas e conceituais da pesquisa, como também orientar a operacionalização do estudo.

Os dados básicos da pesquisa foram de natureza primária, envolvendo a elaboração e aplicação de questionários, como também levantamento nos arquivos da Polícia Civil de Bela Vista/MS, registro fotográfico e levantamento na mídia eletrônica local. Também foram aplicados questionários quantitativos aos moradores da área central da cidade, tendo como público amostral somente os que possuem mecanismos de segurança patrimonial em suas residências. Para complementar o levantamento de informações à pesquisa, foram aplicados questionários qualitativos com os empresários responsáveis pela comercialização desses sistemas de segurança.

O levantamento nos arquivos da Polícia Civil teve uma abrangência de cinco anos, de 2005 a 2009, onde foram selecionados apenas os boletins de ocorrências referentes a crimes contra o patrimônio, isto é, invasão a residência, estabelecimento público e comercial.

O registro fotográfico foi realizado na área central da cidade de Bela Vista/MS, nos setores que compõe a referida área: Setor, 01, 02 e 03, (Figura 01), visto que expressam maiores incidências de alterações nas fachadas prediais (residenciais e comerciais) no município estudado.

Na mídia eletrônica local, o levantamento foi realizado no *site* jatobá news, com o seguinte endereço eletrônico: <http://www.jatobanews.com.br>; onde foram analisadas as ocorrências referentes a crimes contra o patrimônio, desde o início do funcionamento do *site* em Dezembro de 2007 até abril de 2010.

1 - PARA COMPREENDER AS CONURBAÇÕES FRONTEIRIÇAS: UMA ABORDAGEM CONCEITUAL

1.1. Fronteira e Limite

Ao considerar a noção de fronteira, percebe-se certa confusão entre esse termo e o de limite. Desse modo, é muito comum considerá-los como sinônimos (Cf. MACHADO, 1998). Talvez, pelo fato dos mesmos, estarem pautados para muitos em definição tradicional retirada de enciclopédias e dicionários (FERREIRA *apud* PAIXÃO, 2006). No entanto, os termos limites e fronteiras, expressam diferenças essenciais que escapam ao senso comum, conforme apontou Machado (1998).

Nesse sentido, eles podem ser entendidos da seguinte forma:

A palavra *fronteira* implica, historicamente, aquilo que sua etimologia sugere - o que está na frente (...). Nasceu como um fenômeno da vida social espontânea, indicando a margem do mundo habitado. Na medida em que os padrões de civilização foram se desenvolvendo acima do nível de subsistência, as fronteiras sobre os ecúmenos tornaram-se *lugares de comunicação* e, por conseguinte adquiriram um caráter político.

A palavra *limite*, de origem latina, foi criada para designar o fim daquilo que mantém coesa uma unidade político-territorial, ou seja, sua ligação interna. Essa conotação política foi reforçada pelo moderno conceito de Estado, onde a soberania corresponde a um processo absoluto de *territorialização*⁵ (MACHADO, 1998, p. 1-2).

Assim, o termo fronteira e sua relação com os limites podem ser encontrados em várias partes do mundo, segundo Carneiro Filho (2008).

Na maior parte das línguas existe uma palavra para designar as populações situadas ao longo do limite às quais são atribuídas características específicas que não se aplicam às pessoas situadas no interior do mesmo território: *frontiersmen*, *frontaliers*, *Grenzleute*. Isto significa que em todas estas línguas a fronteira conota um conceito de zona povoada e não um conceito de linha geométrica (GOTTMANN, 1973 *apud* CARNEIRO FILHO, 2008).

Desse modo, “a fronteira está orientada para fora (forças centrífugas), enquanto os limites estão orientados para dentro (forças centrípetas).” (MACHADO, 1998).

⁵ Grifo da autora.

1.2. Fronteira: um conceito polissêmico

O termo fronteira foi adquirindo novas concepções, sobretudo, após a segunda guerra mundial, no qual agregou nova carga semântica com caráter ideológico sob a égide dos modelos econômicos: capitalista e socialista, (re) definindo espaços fronteiriços de muitos países, segundo Paixão (2006).

Ainda no mesmo autor:

Houve um redirecionamento no enfoque para as fronteiras que também passaram a encerrar espaços territoriais de igual conteúdo ideológico, em exclusão a outros alinhamentos, daí decorrendo um estrangulamento na circulação de mercadorias e pessoas, como no caso das fronteiras entre a Alemanha Oriental (RDA) e a Alemanha Ocidental (RFA) e, do mesmo modo, entre a Coreia do Norte e a Coreia do Sul. (PAIXÃO, 2006, p. 68).

Assim, nas últimas décadas, especialmente a partir de 1989 a 1991⁶, ocorreram significativas mudanças territoriais que culminaram no surgimento de novos Estados-nações, bem como o desaparecimento de alguns Países. Fronteiras aparentemente sólida sofreram alterações, o que denota que as fronteiras não são permanentes. Nesse sentido, após o “mundo socialista” ruir, tendo como marco histórico, a queda do muro de Berlim em novembro de 1989, a fronteira entre as duas “Alemanhas”, se dissipou engendrando um novo arranjo territorial, que ultimou na unificação das mesmas, dando outra dinâmica ao território alemão, sob a égide do capitalismo.

Ao passo que, as Coreias, continuam divididas. A Coreia do Norte é vista por muitos como um país artificial, pelos resquícios deixados pela Guerra Fria, e a Coreia do sul configura-se na décima economia mundial, são divididas pelo paralelo 38°N. É uma fronteira com histórico de conflitos e tensões.

No arcabouço conceitual, “as Fronteiras são também elementos simbólicos carregados de ambigüidades, pois, ao mesmo tempo em que impedem, permitem (...)” (MÉLO, 1995). Por fim, as fronteiras não se configuram num todo acabado ou imutável, elas são um momento de um processo histórico⁷.

⁶ Em 1989, a humanidade assistiu perplexa a uma série de acontecimentos, até então impensáveis, pelo menos em curto prazo, como a queda do Muro de Berlim, que culminou com a reunificação da Alemanha, ocorrida em 1990, bem como em dezembro de 1991, quando foi selada a desagregação política e territorial da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), criando a Comunidade de Estados Independentes (CEI) em substituição da extinta URSS. Composta por doze ex-repúblicas soviéticas, na qual a CEI não se configurou num Estado, mas sim um acordo econômico e geopolítico entre Estados independentes.

⁷ Cf. Milton Santos (TV PUCSP, 1995) *apud* (MÉLO, 1995).

1.3. Problemas fronteiriços

Nessa ambigüidade apontada por Mélo (1995), algumas fronteiras enfrentam sérios problemas. A fronteira do México com os Estados Unidos, expressa bem esta questão. A fronteira dos Estados Unidos com o México é de 3,2 mil quilômetros, visto que o Governo norte-americano construiu um muro de aproximadamente um terço de sua extensão fronteiriça com o México, possuindo dispositivos de alta tecnologia, patrulhado pela guarda de fronteira norte-americana, todo esse aparato, na tentativa de conter o tráfico de drogas, armas e, a imigração ilegal. A porção norte do México sofre com a “explosão demográfica” e, nas últimas décadas, cerca de duas mil fábricas norte-americanas instalaram-se para usufruir da mão-de-obra barata. O acordo de Livre Comércio da América do Norte (NAFTA) prevê tão-somente o livre comércio entre os países da América do Norte, desconsiderando a imigração ilegal e as clandestinidades existentes na fronteira do México com os Estados Unidos da América (BACIC OLIC, 2003).

Outro fato que repercutiu mais especificamente nos países da América do Sul, foi o chamado Plano Colômbia. O objetivo desse plano é uma intervenção dos Estados Unidos na Colômbia, com intensão de combater o narcotráfico no continente, no entanto com declaração do então vice-ministro de Defesa dos Estados Unidos, James Bodner, na Conferência Ministerial de Defesas das Américas, realizada em Manaus entre o dia 18 e 19 de outubro de 2000, argumentando que o referido Plano aconteceria com ou sem solidariedade internacional. Tal declaração do vice-ministro demonstra a situação cada vez mais cômoda do imperialismo norte-americano, sobre um dos países mais ricos em reservas naturais na Amazônia. Assim, mais uma vez ficou clara a posição dos Estados Unidos, como potência mundial hegemônica nesse início de século. Nesse sentido, as operações militares do Plano Colômbia, começaram de fato em outubro de 2000, quando o exército realizou um ataque em grande escala em Putumayo, na Colômbia, no sul do referido país, na região mais rica em petróleo, localizada na fronteira com o Equador, com a desculpa de combater um foco da guerrilha supostamente ligado ao narcotráfico.⁸

É importante dizer que, que o interesse dos Estados Unidos não se restringe apenas ao petróleo. É profícuo salientar que a biodiversidade da Amazônia colombiana só perde para o Brasil, sendo que somente seus recursos hídricos já bastariam para atrair os Estados Unidos. Essa questão, torna-se ainda mais delicada, principalmente levando-se em conta que a água

⁸ Cf. **Plano Colômbia**: mais uma do imperialismo norte-americano. Disponível em: <<http://historianet.com.br/conteudo/default.aspx?codigo=273>> Acesso em: 10 de Dezembro de 2010.

doce, cada vez mais escassa, já é considerada uma questão chave para o século XXI, tendo nos Estados Unidos seu principal consumidor principal.

No que se refere aos problemas fronteiriços brasileiros, é evidente que podem ser outros, porém, no entanto ao que aludi sobre o contrabando, tráfico de drogas, e outras ilegalidades, esta situação também se faz presente no Brasil.

O Brasil, é o maior país da América do Sul, possuindo a maior área de fronteira deste continente, faz fronteira com quase todos os países da região, (salvo Equador e Chile), na qual apresentam espaços limítrofes, tais limites são compostos por arcos, o arco norte, central e sul. Onde, sabe-se que o governo brasileiro enfrenta vários tipos dessa clandestinidade citada acima. Para melhor ilustrar a importância do tema fronteira para o Brasil, não é demasiado ressaltar que esse país possui 8.547.404 km², sendo o quinto país mais extenso do mundo. Está justaposto na porção centro oriental do continente sul-americano, com 23.086 quilômetros de fronteira, das quais 7.367 marítimas e, 15.719 terrestres. Faz fronteira com Guiana Francesa, Suriname, Guiana e Venezuela, Colômbia ao Noroeste, Peru e Bolívia a Oeste, Paraguai e Argentina a Sudoeste e faz fronteira ao Sul com Uruguai⁹. (Figura 02).

⁹ Cf. Branco; Oliveira. **Onde o Brasil acaba**. In: *Discutindo Geografia*, 2007.

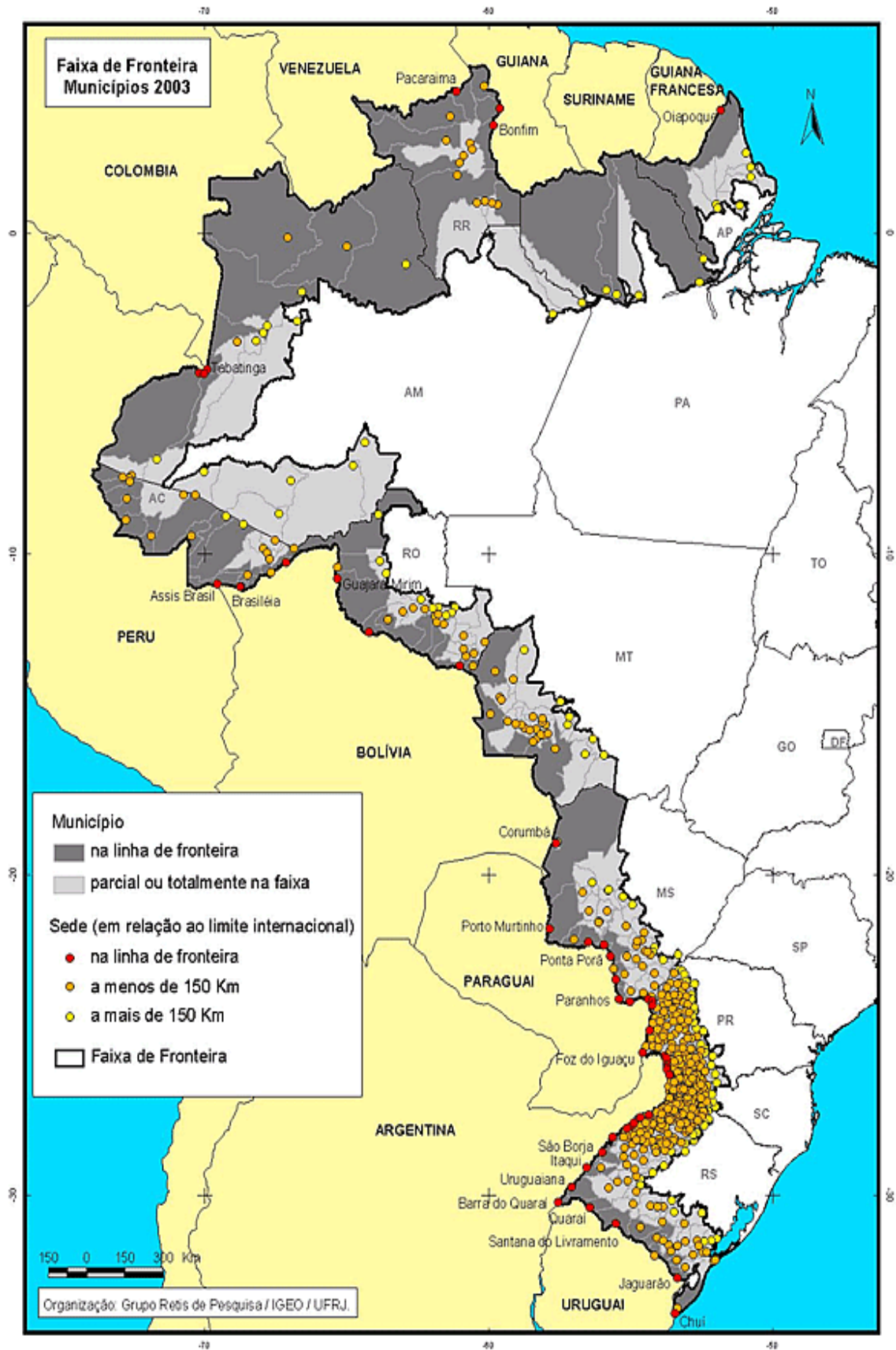


Figura 02: Faixa de fronteira: municípios 2003.

Fonte: Grupo RETIS de pesquisa. Disponível em: <www.igeo.ufrj.br/gruporetis> Acesso em: 19 de março de 2010.

A faixa de fronteira brasileira abrange uma área de 150 quilômetros. É profícuo ressaltar a importância do espaço fronteiro brasileiro, visto que compõe uma significativa porção territorial e uma expressiva população nacional. Como expõe o (Ministério de Integração, 2005) que de acordo com o Programa de Desenvolvimento da Faixa de Fronteira do Brasil, ela corresponde a 27 % do território nacional, envolvendo 588 municípios em 10 estados e uma população estimada em 10 milhões de habitantes, conforme Ghetti (2006).

Um dos principais espaços de fronteira que contem problemas como: contrabando, tráfico de armas, drogas, “instabilidade” e violência é a tríplice fronteira¹⁰, qual seja a que abrange foz do Iguazu no território brasileiro, *Puerto Iguazú* na Argentina e *Ciudad Del Este* no Paraguai.

Para conter problemas como o contrabando, a criminalidade crescente e outros, o governo brasileiro cogitou a possibilidade de construção (em 2007) de um muro com 1,5 km, contendo, três metros de altura e sobre o mesmo, existiria uma espécie de arame farpado, tal como usado em presídios, este muro estaria justaposto paralelamente ao rio Paraná. É bem verdade, que tal idéia, provocou protestos pelo presidente (Nicanor Duarte) no período citado. O Brasil recebeu crítica, inclusive por parte de Lugo Fernando¹¹, candidato a presidência nessa época, forte crítica forjada por ele, chamando o Brasil de país “historicamente imperialista”. No bojo de toda essa polêmica, o muro deixou de ser construído e, o contrabando e todo tipo de criminalidade se faz presente, através dos circuitos ilegais existentes nas fronteiras brasileiras.

Observa-se que ao tentar combater algumas ilegalidades nas fronteiras, quase sempre os países usam estratégias como construção de muros e outros mecanismos. A mesma tática que seria usada pelo governo brasileiro, que não se materializou, entretanto, está bem presente entre a fronteira do México com os Estados Unidos, como foi visto anteriormente. Essas iniciativas revelam à falta de comprometimento na busca da solução dos problemas comuns pertinentes a essas nações.

No entanto, as chamadas cidades-gêmeas que são consideradas estratégicas para realização de integração entre países, que em alguns casos a integração acontece sem a direção institucionalizada, pois muitas vezes as cidades-gêmeas enfrentam barreiras legais, diplomáticas, falta de articulação ao centro político-decisório do país, conseqüentemente sofrem com falta de informações referentes à região e o elevado grau de informalidade de várias ações executadas na linha de fronteira, como mostra o Ministério da Integração

¹⁰ Tríplice fronteira é também conhecida como Tripartite.

¹¹ Atual presidente do Paraguai.

Nacional, (2005). O que resulta em dificuldades para implantações de programas nacionais de integração. Assim, cabe fazer uma abordagem desse importante espaço fronteiriço.

1.4. Cidades - Gêmeas

As cidades – gêmeas são:

(...) núcleos urbanos localizados de um lado e de outro do limite internacional, cuja interdependência é, muitas vezes, maior do que cada cidade com sua região ou com próprio território nacional, sem que estejam necessariamente em condição de fronteira seca, formando uma conurbação ou ocupando posição simétrica à linha divisória. Elas têm forte potencial de atuar como nódulos articuladores de redes locais, regionais e transnacionais. (MACHADO, 2006 *apud* CARNEIRO FILHO, 2008).

Nas cidades-gêmeas concretizam interações de diversos tipos. Muitas vezes elas antecedem qualquer decisão federal de criar uma faixa de fronteira institucionalizada. A dinâmica de seu nascimento está associada, desde o início, ao limite, ao contato e à função de defesa, sendo a excentricidade de sua posição a sua característica original.

Da situação periférica aos centros decisórios, muitas dessas fronteiras passaram a ser vistas a partir do seu valor estratégico, de modo óbvio nas situações em que há algum tipo de interação passível de realização. Partindo de uma caracterização generalizadora, é profícuo salientar que os espaços fronteiriços são muito heterogêneos.

O Brasil possui vinte e sete cidades-gêmeas internacionais, com territórios adjacentes. Destas, dez são terrestres, nove são fluviais com ponte e oito sem ponte, como demonstra a (Figura 03). As cidades localizadas no limite internacional adquirem caráter estratégico do ponto de vista governamental, para ações que gerem o desenvolvimento na chamada faixa de fronteira.

Assim, a zona de fronteira internacional, precisa dispor de informações suficientes como expõe o Ministério da Integração Nacional (2005), que garantem a prática e ações no tocante ao desenvolvimento e integração. No entanto, muitos dessas informações são desconhecidas ou até inexistentes, não apenas em virtude do tamanho reduzido e da estrutura deficiente das cidades, mas também devido à própria localização geográfica das mesmas, de modo geral distantes das capitais de seus estados. Apesar de estratégica, ainda apresenta-se como pouco desenvolvida economicamente, além de estar marcada pela dificuldade de acesso aos bens e serviços, pelo seu abandono por parte do Estado no decorrer da história, segundo Carneiro Filho (2008).

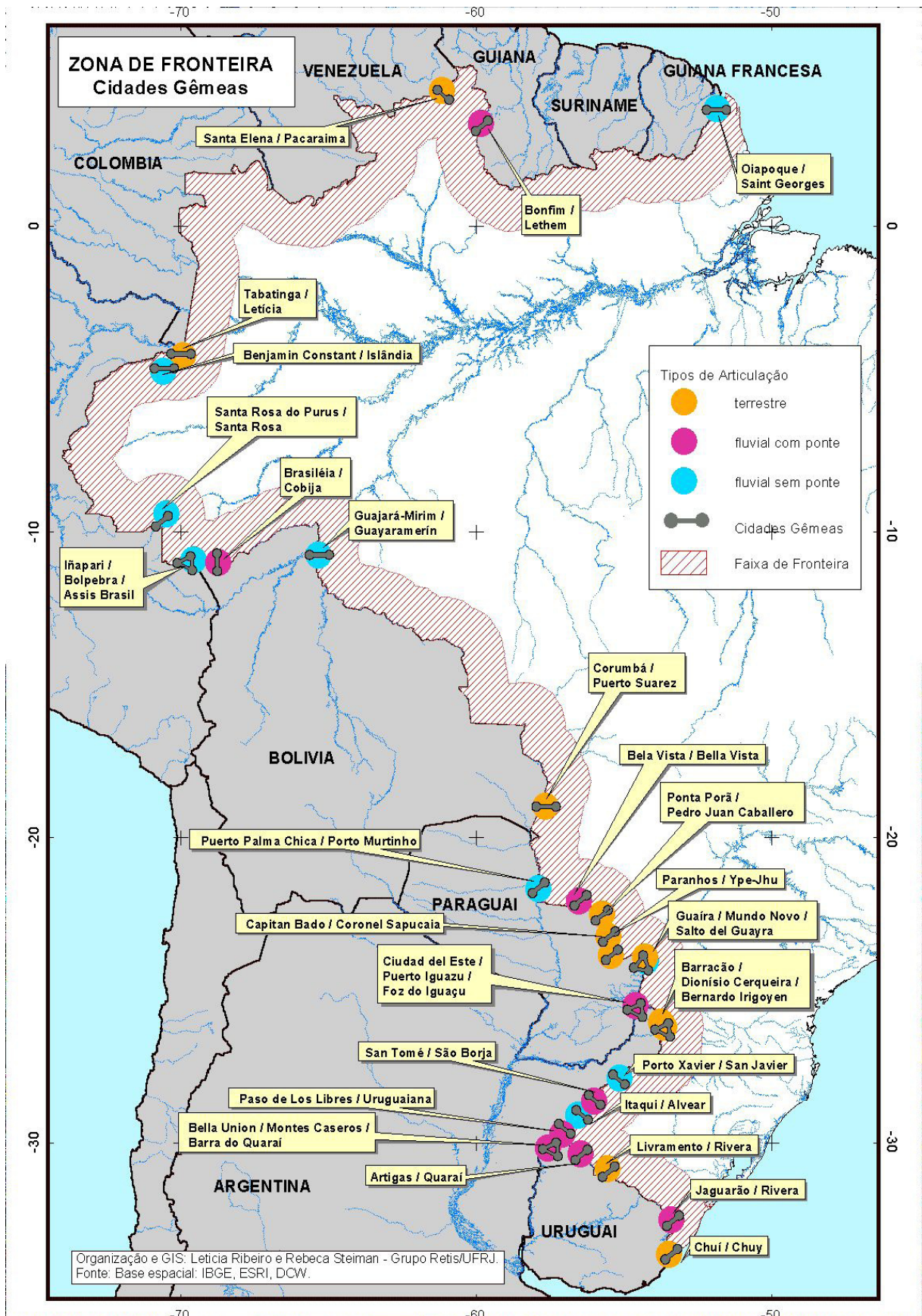


Figura 03: Zona de Fronteira: cidades – gêmeas.

Fonte: Grupo RETIS de pesquisa. Disponível em: <www.igeo.ufrj.br/gruporetis> Acesso em: 28 de agosto de 2009.

Nesse contexto, o Estado de Mato Grosso do Sul faz fronteira com dois países: Bolívia e o Paraguai. Com a Bolívia, o referido Estado faz fronteira através da cidade brasileira de Corumbá com Porto Soares (Bolívia). Já com o Paraguai, Mato Grosso do Sul apresenta a maior extensão de fronteira, abrangendo cidades-gêmeas fluviais com ponte, a citar: Bela Vista/MS e *Bella Vista Norte*, sem ponte: Porto Murtinho e *Puerto Palma Chica*, e fronteiras terrestres: Ponta Porã e *Pedro Juan*, Coronel Sapucaia e *Capitan Bado*, Paranhos e *Ype – Jhu* e por fim a convergência de Guaíra/Mundo Novo e *Salto de Guayra*.

Essas cidades-gêmeas estão inseridas na elaboração de políticas públicas voltadas ao desenvolvimento da área de fronteira, visto que o meio geográfico que melhor caracteriza a zona de fronteira é aquele formado pelas cidades-gêmeas. Esses adensamentos populacionais cortados pela linha de fronteira (seja esta seca ou fluvial, articulada, ou não, por obra de infraestrutura) apresentam grande potencial de integração econômica e cultural, assim como manifestações condensadas dos problemas característicos da fronteira, que aí adquirem maior densidade, com efeitos diretos sobre o desenvolvimento regional e a cidadania, segundo (Ministério da Integração Nacional, 2005).

São poucas as cidades-gêmeas na fronteira do Brasil, bem como as do Estado de Mato Grosso do Sul, com os países vizinhos. O maior número e as mais importantes estão justapostas em fronteira seca ou estão articuladas por pontes de grande ou pequeno porte. Assim, a posição estratégica em relação às linhas de comunicação terrestre e a existência de infra-estrutura de articulação podem explicar a emergência de muitas cidades-gêmeas, mas não garantem o crescimento e a simetria urbana. (Cf. Ministério da Integração, 2005).

As cidades-gêmeas também possuem peculiaridades podendo fazer integração, mesmo sem orientação federal, como mencionado anteriormente. É possível ver essa integração concretizada, por exemplo, nos municípios: Ponta Porã (Brasil) e *Pedro Juan Caballero* (Paraguai), onde possuem um intenso fluxo pendular de pessoas e mercadorias que dinamiza este espaço fronteiro. Mesmo ambas possuindo uma legislação de trânsito destoante, é sabido a existência de uma importante iniciativa de integração por parte da associação de taxistas, como argumenta Paixão (2006 p.118-119):

(...) é interessante destacar (...) a integração alcançada pelos taxistas de ambos os lados, os quais, por meio de suas associações de classe, atropelam a integração governamental viabilizando uma parceria, inclusive normatizando sua atuação no âmbito regional, para que devidamente identificados e padronizados, incluindo seus honorários, o que representa um avanço nos serviços prestados não somente a comunidade como também ao turista da região. (...) a integração, apesar de alguns problemas de encaminhamento, é uma realidade que está sendo construída na região de Ponta Porã sob uma nova ótica.

Outra fronteira que é conveniente usar como exemplo de integração, é a tríplice fronteira, não obstante, abrangendo além do território brasileiro e paraguaio, também porção do território argentino. Nessa convergência, mesmo com problemas alfandegários ocorridos entre Brasil e Paraguai, de modo geral, as cidades tem procurado fortalecer uma proposta de integração que realce suas potencialidades turísticas, cabendo a Foz do Iguaçu e sua parte hoteleira o turismo de eventos e lazer, assim como em *Puerto Iguazú* tem sido proposto o turismo contemplativo desenvolvido no Parque *Iguazú*, e ainda *Ciudad del Este* e seu turismo de compras, (Cf. PAIXÃO, 2006).

Contudo, muitas fronteiras são apontadas como *locus* de contrabando, tráfico de drogas entre outros circuitos ilegais, que não constitui algo novo nesse cenário onde já há muito tempo tem-se convivido com as várias facetas do crime organizado, com caráter global de atuação. A disposição de um mundo cada vez mais globalizado com avanço tecnológico, principalmente em áreas de transporte, expressou aos lugares de conexões, uma nova forma da geopolítica e a permeabilidade das fronteiras, o que em alguns casos, o caráter permeável pode-se tornar um facilitador na intensificação de todo tipo de ilegalidade (FIGUEIRA, 2005). Sendo que atrelado a essa ilegalidade pode ocorrer também índices de violência elevados.

Assim, no bojo de cidades que se destacam no cenário nacional pela expressiva violência está Coronel Sapucaia que é a cidade mais violenta da fronteira e constitui também o município mais violento do Estado com uma taxa de homicídios em 2000 de 85,87 homicídios por 100.000 mil habitantes, segundo o Mapa de Violência dos Municípios (2008). Ponta Porã vem logo após de Coronel Sapucaia, com uma taxa de 47,61 homicídios por 100.000 habitantes, uma taxa considerada alta em relação aos demais municípios do Estado, estando também entre as 10 cidades mais violentas do país (Cf. AMÉRICO; FONSECA; OLIVEIRA, 2009, p. 6).

O espaço fronteiriço brasileiro, por todo o seu histórico chamou tanto a atenção que Carlos Wagner, jornalista e escritor, publicou uma obra chamada *País Bandido: Crime tipo exportação* (2003) denunciando todo tipo de crimes e mazelas engendrada na e pela fronteira.

Assim sendo, observa-se que as fronteiras de modo geral representam uma complexidade de relações, visto que, hora precisam ter informações para a implementação de ações governamentais para o desenvolvimento e integração, pois são vistas como espaços estratégicos, no entanto, em sua maioria não dispõem desses dados e enfim, acabam promovendo iniciativas sem qualquer relação com o governo no que consiste na melhoria da

comunicação dos espaços de conexões, como é o caso das cidades-gêmeas, evidenciados pelos exemplos supracitados. Apresentam de longa data problemas ilegais de difícil solução mesmo com toda atual atenção governamental no combate de ilícitos e evasão de divisas, ações que se tem tornado bem mais freqüente nos dias atuais.

Assim, a cidade fronteira de Bela Vista/MS (Brasil), tem enfrentado problemas, não na mesma escala como Coronel Sapucaia e Ponta-Porã, com índices de criminalidade e violência, contrabando e evasão de divisas. Mesmo que estratégico esse espaço de fronteira para atuações governamentais de integração, dispõe também da inexistência de dados para fins de projetos integracionais, pois “(...) pouco representa nas estatísticas oficiais (...)” (OLIVEIRA, 2003).

2 - VIOLÊNCIA E PAISAGEM: PERSPECTIVAS À LEITURA DAS CONURBAÇÕES FRONTEIRIÇAS

O termo violência tem estado cada vez mais comum na linguagem popular, da mídia, das autoridades entre outros. Por seu uso estar sendo frequente, tem servido também a diferentes discursos sobre suas origens e causas, assim acaba por ser confundido com outros conceitos que a ele se relacionam, prejudicando assim a compreensão do fenômeno, na medida em que interpretações tendenciosas de sua gênese a ele que se incorporam segundo Vieira (2009, p. 43).

2.1. Violência: a metamorfose conceitual

Com base no dicionário Aurélio Buarque de Holanda Ferreira (2000), violência é “qualidade de violento (...)”; nesse sentido, cabe analisar o vocábulo violento. Ainda no referido dicionário observa-se que o ser violento é “o que age com ímpeto, impetuoso”.

É esse conceito que é representado como violência, no entanto a violência é mais do que isso. Ela é um fenômeno social, e ocorre em toda sociedade, de forma “endêmica”, pois, varia em maior ou menor grau dependendo do contexto social de sua ocorrência. Nesse sentido, “(...) a violência é inerente às relações sociais e varia de acordo com as particularidades dessas relações (...)” (GULLO, 1998).

Mas então, o que é esse fenômeno violência?

Há vários significados aplicados à violência, e com o desdobrar da história sua etimologia se dilatou referente à sua aplicação. Para Ribeiro e Chaveiro (2006, p. 3):

(...) a violência deriva originalmente de “*violentia*”, do latim, que significava a “força que se usa contra o direito e a lei”. Vendo sobre esse prisma o “violento (*violentus*, também do Latim) era que agia com força impetuosa, excessiva, exagerada”. Com o passar dos tempos (...) a diversificação do uso do termo, violência passou a significar qualquer ruptura da ordem ou qualquer emprego dos meios para impor uma ordem.

Como se pode observar, o conceito de violência ampliou seu sentido, de forma que o indivíduo ou grupo usava a força, sobretudo a força física, que resultava na infração ou no ato de se projetar contra a lei, para um conceito mais abrangente do termo, que a *posteriori* fora compreendido por qualquer ação que quebre uma ordem estabelecida, ou até mesmo, formas

usadas para impor determinada ordem. Diante disso, é possível entender que, ao dilatar com o decorrer do tempo, o sentido etimológico de violência, como dito anteriormente, a mesma passa a ter características ou mesmo uma aproximação com outros termos, ela se aglutina nesse sentido, ao “poder” e a “dominação” (RIBEIRO; CHAVEIRO, 2006).

Outro autor que tratou da conceituação da violência, e suas reflexões mostram-se importante para este trabalho, foi Viana (2004, p. 29) *apud* Ribeiro e Chaveiro (2006, p. 6) onde de forma sucinta Viana conceituou a violência:

Como um fenômeno social caracterizado pela imposição – pela força física ou qualquer outra de se constranger outro a aceitar algo indesejável ou prejudicial ao desenvolvimento natural do indivíduo/grupo social. Desta forma, a violência é uma relação de poder social de imposição e não se confunde apenas com a violência física ou com a criminalidade, abrangendo, portanto, um conjunto de fenômenos que vai além destes.

Nessa conceituação, o referido autor concorda com o fato de a violência ser um fenômeno social que se expressa por meio da injunção, que ocorre de duas formas: pela força física ou pelo ato de coagir, estabelecendo uma situação indesejada a um indivíduo ou grupo social. Nisso, em Viana (2004) também se percebe, a projeção do conceito de violência ligada paralelamente à imposição, abarcando outros fenômenos que ultrapassam o conceito reducionista de violência atrelada apenas à violência física. Nesse sentido, os autores acima, expressam um pensamento, muito próximo na compreensão da conceituação de tal fenômeno social.

Para Santos (1996):

A violência seria a relação social, caracterizada pelo uso real ou virtual da coerção, que impede o reconhecimento do outro – pessoa, classe, gênero ou raça – mediante o uso da força ou da coerção, provocando algum tipo de dano, configurando o oposto das possibilidades da sociedade democrática contemporânea.

Em Santos (1996), a violência está relacionada por meio coercivo qual o chama de real e virtual. O uso real seria a repressão que se dá, de um indivíduo (agente coercivo) para outro indivíduo (agente “passivo” de coerção), na perspectiva real dos mesmos, isto é, no “confronto” no mesmo tempo-espço do fenômeno da violência em ocorrência. Ao passo que o uso da repressão virtual, se estabeleceria por meios virtuais de realização coerciva. Os meios pelos quais à violência se estabelece, sofre transformações, conforme as sociedades “evoluem” do ponto de vista tecnológico, as condições coercivas também se apropriam das condições tecnológicas para se expressar. Dessa forma, o conteúdo da violência ganha outras

caracterizações, mediante as transformações que decorrem das sociedades, sobretudo das sociedades capitalistas.

Vale ressaltar que este fenômeno social chamado violência, é exercido como já colocado neste, através dos indivíduos/grupos sociais, não é, um fenômeno que se apresenta por simples fato de ser, e sim, se instala através de uma relação social de imposição. Ainda no mesmo autor, percebe-se que o agente gerador de violência e ato coercivo pode ser uma pessoa ou indivíduo/ grupo social, classes sociais, gênero e/ou raça. A violência gera, segundo ele, danos, tanto por uso da força como também da coerção, tais danos podem ser físicos, materiais ou psicológicos. Os danos físicos seriam através da agressão física, os materiais em danificação ou subtração de bens – materiais, através de várias formas de violência e, psicológicos, são as “marcas” deixadas na psique de quem é vítima de uma violência, estes danos, podem ocorrer separados, ou em muitos casos, numa mesma situação, pode-se ter variados tipos de danos.

Diante da problemática da violência que se intensifica na sociedade brasileira, Queiroz (2000, p. 33) assevera que:

A violência tornou-se efetivamente, se não o mais agudo, um dos problemas mais graves vividos pela sociedade urbana. A intensificação e proporção com que atinge o cotidiano das grandes cidades, especialmente no Brasil, têm deixado a população em estado de alerta. Cada vez mais, as cidades assumem feições ditadas pelo medo.

Quando a violência se configura num dos problemas mais atinado na sociedade, sobretudo na brasileira, gera um estado de insegurança nas pessoas e isso reflete, não apenas nas grandes cidades como também, direta ou indiretamente em menor alcance em municípios menores que passam também a assumir aspecto ditado pelo medo.

Perante essa realidade, Queiroz (2000, p. 33) parte da premissa:

(...) de que a violência tornou-se um problema essencialmente geográfico. Isso significa considerar não apenas os aspectos de localização e extensão do problema, mas seu reflexo na própria sociedade com o ambiente urbano (...) e essa situação se reflete, de forma marcante, na (re) definição de (...), *paisagens* (...).¹²

Se a violência e a criminalidade implicam em algumas categorias importantes para a ciência geográfica, passam a tornar-se objeto de análise e por isso tem levado alguns pesquisadores a apontá-las como um problema essencialmente geográfico, como demonstra Queiroz (2000). Sobre esse aspecto, verifica-se nas últimas décadas, uma clara alteração na paisagem urbana, levando outros autores a estudar esse fenômeno, como Caldeira (2000)

¹² Grifo do Autor.

apud Cruz e Sá (2006), Diniz (2003), Francisco Filho (2003), e Vieira (2009). Nesse sentido, Argumentam Caldeira *apud* Cruz e Sá (2006) que desde a década de 80, o arquétipo dos “enclaves fortificados”, em que diferentes grupos sociais, ainda que próximos fisicamente, mantêm-se separados por muros, segurança privada e variadas tecnologias de segurança, sobrepõe-se ao modelo dominante de segregação urbana centro-periferia.

A situação da crescente violência na sociedade brasileira vem instalando uma “atmosfera” de insegurança em muitas pessoas, pois elas expressam o medo de vitimização.

Nesse meio impessoal, a violência surge como um fator que empurra cada cidadão para a paranóia da insegurança, em que a preocupação básica é o medo diário de sofrer algum ato de agressão. A mídia, por sua vez, tende a agravar esse *estado* na medida em que dá destaque aos atos violentos que ocorrem no dia-a-dia das grandes cidades. É a violência ultrapassando a barreira imposta pelos muros e sistemas de segurança, entrando diretamente nas casas e amedrontando os já acuadaos *cidadãos urbanos* (FRANCISCO FILHO, 2003, p. 7).

Assim, o aspecto fundamental é o medo que a violência exerce. Então o medo é circunspeto pela revelação de forças de ordem natural ou humana. Para abrandá-lo, a mente humana inventa elementos de fuga da realidade visando à tranquilidade, mesmo que efêmera. O receio das vicissitudes conduz o ser humano a criar elementos que demonstrem seu domínio do meio natural ou o protejam do caos, daí o constante trabalho nos campos de cultivo (fruto de incessante esforço humano, já que se não o fizer a natureza o retomará), assim como as edificações e as cidades controlam o caos, pois atuam como fortalezas, protegendo a vulnerabilidade humana. Isto é, a cerca viva, a muralha, a proteção do radar são modos de se tentar manter controladas as forças hostis. As ameaças estão em todas as partes (TUAN, 2005, p. 12 *apud* VIEIRA, 2009).

Partindo do princípio que a ameaça pode estar em toda parte, assim como a violência é inerente a toda sociedade. O medo da violência paulatinamente vai se tornando coletivo e, essa atitude vai apontando para o outro conceito de violência: a violência urbana.

2.2. Violência Urbana

Essa última é um termo complexo, no entanto pode ser caracterizado da seguinte forma:

Violência urbana é um termo complexo, pois indica mais que um problema coletivo – é real, concreta e reconhecida, portanto uma representação coletiva do entendimento e das experiências de vida nas cidades por parte dos moradores (...).

Violência urbana é, portanto, uma representação que interroga basicamente o crime comum, mas o foco de atenção não é o estatuto legal das práticas consideradas, e sim a força nelas incrustada, que é interpretada como responsável pelo rompimento da “normalidade” das rotinas cotidianas, ou seja, do caráter não-problemático dessas rotinas em todos os aspectos: cognitivo, instrumental e moral. Essa é a razão pela qual violência urbana não é simples sinônimo de crime comum nem de violência em geral (SILVA, 2004, p. 34-35 *apud*, VIEIRA, 2009).

Portanto, a violência urbana tem implicações significativas nas relações sociais, que se reflete na paisagem urbana. Assim sendo, faz-se necessária uma abordagem do conceito de paisagem, bem como o termo paisagem urbana, para entender como as transformações paisagísticas na cidade, reflete o aumento da violência urbana e da criminalidade no espaço urbano fronteiriço.

2.3. Paisagem: um conceito precedente a ciência geográfica

O conceito de paisagem é precedente a ciência geográfica, foi erigido nos países baixos no século XV, com o termo de *landskip*, que representavam obras de artes, como pinturas em quadros que retratavam o meio natural, objetivava-se retratar um recorte visual que explicitasse a natureza em primeiro plano. Assim, o termo foi incorporado à língua inglesa, o que apresenta muito do seu significado, como expõe Schama (1996, p. 20) *apud* Vieira (2009, p. 13):

A própria palavra *landscape* (paisagem) nos diz muito. Ela entrou na língua inglesa junto com *herring* (arrenque) e *bleached* (linho alvejado) no final do século XV, procedente da Holanda. E *landschap*, como sua raiz germânica, *landschaft*, significava tanto uma unidade de ocupação humana – jurisdição, na verdade – quanto qualquer coisa que pudesse ser aprazível objeto de uma pintura.

Com a inclusão do termo *landscape* à língua inglesa, o mesmo passou a significar mais que uma unidade natural a ser capturada por intermédio da pintura como outrora fora empregado nos países baixos e, se configurou qualquer elemento que pudesse ser retratado num quadro de pintura.

Segundo Vieira (2009), concomitante ao desenvolvimento do conceito de paisagem, relacionou-se o termo *pays* que é análogo à pátria, lugar de origem. Ao agregá-lo, o termo adquire um significado mais profundo, que eclodiu com Renascimento e apresentou uma nova perspectiva relacional do binômio homem/natureza.

A palavra surgiu no Renascimento para indicar uma nova relação entre os seres humanos e seu ambiente. Assim a paisagem está intimamente ligada a uma nova maneira de ver o mundo com sua criação racionalmente ordenada, designada e harmoniosa, cuja estrutura e mecanismo são acessíveis a mente humana, assim como olho e a agem como guia para os seres humanos em suas ações de alterar de aperfeiçoar o meio ambiente. (...) assim, paisagem é um conceito unicamente valioso para uma geografia efetivamente humana. (...) ao mesmo tempo, paisagem lembramos que a geografia está em toda parte, que é uma fonte constante de beleza e feiúra, de acertos e erros, de alegria e sofrimento, tanto quanto é de ganho e perda (COSGROVE, 1998, p. 99-100 *apud* VIEIRA, 2009, p. 14).

Assim, com aprofundamento do termo paisagem, engendrado pelo período Renascentista, paisagem passou a expressar uma maior aproximação do termo com a geografia. A partir desse contexto em diante o conceito de paisagem passou a caminhar junto com a geografia e apregoar uma relação quase que indissociável, pois o trabalho dos geógrafos baseava-se na descrição do meio, e o objetivo era o de levar aos leitores as descrições mais aproximadas possíveis por meio da litografia e iconografia dos lugares.

2.4. O sentido do termo paisagem

Para Santos (1988), paisagem é “tudo aquilo que vemos, o que a nossa visão alcança, é a paisagem. Esta pode ser definida como o domínio do visível aquilo que a vista abarca (...)”. Dessa forma, a paisagem abarca o meio natural e o social. Por isso Carl Sauer, pai da geografia cultural sugeriu que se considerassem dois tipos de paisagem: a paisagem natural e a artificial.

A paisagem artificial é a paisagem transformada pelo homem, enquanto grosseiramente podemos dizer que a paisagem natural é aquela ainda não mudada pelo esforço humano. Se no passado havia a paisagem natural, hoje essa modalidade de paisagem praticamente não existe mais. Se um lugar não é fisicamente tocado pela força do homem, ele, todavia, é objeto de preocupações e de intenções econômicas ou políticas. Tudo hoje se situa no campo de interesse da história, sendo, desse modo, social. A paisagem é um conjunto heterogêneo de formas naturais e artificiais; é formada por frações de ambas, seja quanto ao tamanho, volume, cor, utilidade, ou por qualquer outro critério. A paisagem é sempre heterogênea (...). Hoje, torna-se difícil distinguir o que é natural do que é artificial. A percepção da diferença é cada vez mais árdua e temerária. (...) e cada vez o domínio das técnicas se impõe. Há uma relação entre os instrumentos de trabalho (objetos dos mais diversos tamanhos, que o homem cria para poder produzir) e a paisagem. Há uma grande quantidade desses instrumentos que não são materiais, mas que se elaboram como elementos necessários à produção. Em eras bastante remotas, os instrumentos de trabalho eram um prolongamento do homem, mas, à medida que o tempo passa, vão transformando-se em prolongamentos da terra, próteses ou acréscimos à própria natureza, duráveis ou não. Os instrumentos de trabalho imóveis tendem a predominar sobre os móveis e a serem a condição de uso destes. Estradas, edifícios, pontes, portos, depósitos etc. são acréscimos à natureza sem os quais produção é impossível. A cidade é o melhor exemplo dessas adições ao natural. (SANTOS, 1988, p. 23).

Portanto, a paisagem natural e a artificial, compõe o que Sauer propôs como paisagem cultural, que sucintamente:

(...) é criadas por pessoas, através das suas experiências e relações com o mundo que as envolve. Essas relações podem ser muito íntimas e subjetivas, baseadas em contactos próximos, ou remotos e relativamente desapaixonadas. Podem ser conscientes, surgindo organicamente de uma forma não planejada. Neste sentido, paisagem e lugar quase se sobrepõem. Esta forma de compreender o conceito de paisagem esta um passo à frente da “paisagem como vista de além” (...) ou, sobre qualidade visível do lugar. (SARMENTO, 2004, p. 40).

Em conformidade, a paisagem não é criada intencionalmente (salvo exceções) pelas sociedades. Nenhuma organização estética mundial a engendrou ela é resumidamente o resultado da ordem cultural materializada no espaço, segundo Vieira (2009).

De acordo com Santos (1988) a melhor condição de visualizar as relações dos objetos “naturais” e os artificiais, as próteses que são cotidianamente inseridas a paisagem natural, que são entendidas como os objetos sociais, são as cidades, a qual é percebida pela paisagem urbana que “expressa o conteúdo das relações sociais que a forma” (CAVALCANTI, 2001, p. 14).

2.5. Paisagem Urbana

Carlos (2009, p. 14) ensina que:

A paisagem urbana aparece como um “instantâneo”, registro de um momento determinado, datado no calendário. Enquanto manifestação formal tende a revelar uma dimensão necessária da produção espacial: aquela do aparente, do imediatamente perceptível, representação, dimensão do real que cabe intuir. Fechemos os olhos e deixemos nossa imaginação andar pela cidade. O que vemos? Inicialmente o perceptível é o concretamente visível: prédios, casas, ruas. Bairros que sucedem de forma diferenciada, pois são desiguais entre si (...). Podemos também perceber que essas construções não são iguais do ponto de vista arquitetônico, datam de tempos diferentes. (...) A dimensão de vários tempos está impregnada na paisagem da cidade. Por outro lado, não podemos deixar de pensar (...) que existe todo um movimento próprio a paisagem (...) o modo de expressão da vida na cidade (...).

Assim sendo, a cidade é representada pela sua paisagem que no primeiro momento é percebida pelo aspecto visível e desigual onde a paisagem urbana é construída em tempos distintos e apresenta as marcas desses tempos na forma do instantâneo. Nesse sentido, a cidade é uma espécie de museu vivo da história do trabalho e das técnicas desenvolvidas pela sociedade e, a paisagem urbana é como fotografias que refletem as combinações entre processos naturais e sociais em um espaço geográfico, no decorrer do tempo histórico.

Concomitante a essa questão, sobre a paisagem ser heterogênea e, por conseguinte apresentar diferenças em sua constituição concreta e ser imbuída de movimento e, por isso é passiva de mudanças, Santos (1988) argumenta que:

A paisagem não é dada para todo o sempre, é objeto de mudança. É um resultado de adições e subtrações sucessivas. É uma espécie de marca da história do trabalho, das técnicas. Por isso, ela própria é parcialmente trabalho morto, já que é formada por elementos naturais e artificiais. A natureza natural não é trabalho. Já o seu oposto, a natureza artificial, resulta de trabalho vivo sobre trabalho morto. Quando a quantidade de técnica é grande sobre a natureza, o trabalho se dá sobre o trabalho. São os casos das cidades, sobretudo as grandes. As casas, a rua, os rios canalizados, o metrô etc., são resultados do trabalho corporificado em objetos culturais. Não faz mal repetir: suscetível a mudanças irregulares ao longo do tempo, a paisagem é um conjunto de formas heterogêneas, de idades diferentes, pedaços de tempos históricos representativos das diversas maneiras de produzir as coisas, de construir o espaço. (SANTOS, 1988, p. 24).

Não obstante, a paisagem urbana não é apenas o conjunto dos objetos e sua disposição, ela apresenta movimento e mudança, “assim ela é histórica, social e concreta” (CAVALCANTI, 2001).

Decorrente das heterogeneidades encontradas na paisagem urbana ao longo do tempo-espço, através do uso do solo, funções, tempos entre outras características. Será possível pensar na existência de várias cidades dentro da própria cidade?

Enquanto forma de manifestação do urbano, a paisagem urbana tende a revelar uma dimensão necessária da produção espacial, o que implica ir além da aparência; essa perspectiva da análise já introduziria os elementos da discussão do urbano entendido enquanto processo e não apenas enquanto forma. A paisagem hoje guarda momentos diversos do processo de produção espacial, os quais fornecem elementos para uma discussão de sua evolução da produção espacial, e do modo pelo qual foi produzida. (...) Todavia é no nível das formas que ocorrem à mistificação e a coisificação, na medida em que as relações sociais tendem a aparecer como relações entre coisas. A forma exerce por isso mesmo, um papel de ocultação e revelação. A relação entre ocultação e revelação dá-se através das articulações das categorias do real. O mundo fenomênico – das formas, maneira independente onde ocorrem as manipulações, pois além da não se revelar imediatamente, pode se manifestar em algo que é o seu contrário (CARLOS, 2009, p. 36).

Dessa maneira, é possível alguns autores diante das diferentes paisagens afirmarem em se tratar de várias cidades numa mesma. No entanto Carlos (2009) faz uma ressalva, que é importante pensar as diferentes paisagens como cerne do processo de produção do urbano.

Dessa forma a cidade apresenta sua paisagem em passividade de datação, isto é, obtém idade e, que poderia ser percebida na paisagem, porém, isso nem sempre é passivo de possibilidade, no entanto a paisagem expressa à mudança não apenas pela técnica, mas

também através das condições socioeconômicas e, por fim não explicitam dados que algumas vezes não são aparentes.

Os objetos são passíveis, pois, de uma datação, têm idades. Pela datação dos objetos de uma paisagem deveríamos poder reconhecer a sua idade (ou as suas idades). Mas isso nem sempre é possível, já que, muitas vezes, os objetos antigos são suprimidos da paisagem. (...). Mas em todos os casos não há paisagem indiferenciada de um ponto de vista histórico, exceto a de uma cidade porventura inaugurada ontem. A paisagem tem, pois, um movimento que pode ser mais ou menos rápido. As formas não nascem apenas das possibilidades técnicas de uma época, mas dependem, também, das condições econômicas, políticas, culturais etc. A técnica tem um papel importante, mas não tem existência histórica fora das relações sociais. (...), as paisagens nos restituem todo um cabedal histórico de técnicas, cuja era revela; mas ela não mostra todos os dados, que nem sempre são visíveis. (SANTOS, 1988, p. 24).

Portanto, a observação da paisagem abrange dois elementos primordiais que a complementa, o espaço construído, imobilizado nas construções e o movimento da vida.

O primeiro aspecto chama a atenção quando se observa a paisagem urbana é o choque dos contrastes, das diferenças. Contrastes de tipo e diversidade de utilização da cidade: usos do solo. Tais diferenciações baseiam-se no fato de que a cidade é Tais diferenciações baseiam-se no fato de que a cidade é antes de tudo, uma concentração de pessoas exercendo, em funda da divisão social do trabalho, uma série de atividades concorrentes ou complementares, desencadeando uma disputa de usos. Por outro lado, a produção do espaço urbano fundamenta-se num processo desigual; logo o espaço deverá, necessariamente, refletir essa contradição. (...) outro aspecto é a concentração. A cidade aparece como uma concentração de construções estáticas e diferenciadas, de gente em movimento, (...) meios de circulação (...). Em suma, é um *locus* dinâmico de atividades, exercidas por pessoas, de acordo com as necessidades sociais (...) (CARLOS, 2009).

Ora, o elemento que dinamiza a cidade apontada acima, a produz e exerce função primordial. As relações sociais vêm a se caracterizar sinteticamente no conteúdo das formas e como tal se materializam no espaço e o produz. No entanto, cidade e espaço são conceitos distintos e indissociáveis. Sobre esse aspecto, Cavalcanti (2001) explica que é preciso fazer distinção desses conceitos:

É preciso distinguir os conceitos de espaço urbano e cidade. (...) a cidade é a forma, é a materialização de determinadas relações sociais, enquanto que espaço urbano é o conteúdo, são as próprias relações sociais que se materializam no espaço. Porém, não se pode fazer uma separação absoluta entre espaço urbano e cidade, assim como, numa análise dialética, não se pode fazer uma separação absoluta entre forma e conteúdo – a entre as duas categorias uma interdependência dialética. (...) é fundamental distinguir os dois conceitos: a cidade é o concreto, (...) materialidade visível do urbano enquanto este é o abstrato, porém o que dá sentido e natureza a cidade.

Assim, a cidade é um espaço geográfico, também é um conjunto de objetos e ações expressando esse espaço, não apenas como disposição de objetos, mas também, espaço de vivência da sociedade. O que conduz a entender melhor essa categoria: o espaço urbano.

2.6. Paisagem urbana e espaço fronteiroço

Será que existe alguma diferença entre o espaço e a paisagem urbana?

Para Santos (1988, p. 25) são categorias diferentes, observe:

(...) Mas paisagem e espaço são coisas diferentes. Como o vocábulo *paisagem*, a palavra *espaço* também é utilizada em dezenas de acepções. Fala-se em espaço da sala, do verde, de um país, de um refrigerador, espaço ocupado pelo corpo etc. É um dos termos que mais possui verbetes nos dicionários e enciclopédias; e em alguns comparecem com centenas de sentidos diversos. Palavras como *vermelho*, *duro*, *sólido* não têm seus significados colocados em dúvida, estão associados a experiências elementares. O que não acontece com a palavra *espaço*, freqüentemente substituída por lugar, território etc. A palavra é mesmo muito utilizada como substantivo, assim espaço do homem, do migrante, do sedentário etc. A própria palavra *paisagem* é comumente utilizada para designar o espaço. O espaço seria um conjunto de objetos e de relações que se realizam sobre estes objetos; não entre estes especificamente, mas para as quais eles servem de intermediários. Os objetos ajudam a concretizar uma série de relações. O espaço é resultado da ação dos homens sobre o próprio espaço, inter mediados pelos objetos, naturais e artificiais.

Observa-se, que existe a diferença entres ambos os termos. Assim, outro aspecto importante é a produção do espaço e, o conceito de produção do espaço está atrelado à produção em geral, como diz Lefebvre (1991) *apud* Cavalcanti (2001, p. 15) “produzir é produzir espaço”.

A produção do espaço aludiu em entendê-lo associado a sua forma (a cidade) visto que ela expressa bem mais que sua localização, apregoa um modo de vida que ligado além da produção econômica, abrangendo todas as esferas da vida social. (CAVALCANTI, 2001).

Portanto, o espaço que é produto das relações sociais, se materializa na paisagem urbana. Esta por sua vez apresenta os aspectos sociais e naturais, que engendra a cidade. Essa última é o cenário do que é concreto, ou seja, seu aspecto formal, no tempo e no espaço e a essência que a dinamiza, isto é, a sociedade que a constrói.

Independente do espaço, esse fenômeno de transformação e produção social é característica de qualquer cidade, em maior ou menor grau, as alterações na paisagem urbana acontecem.

Assim, o espaço fronteiroço que é dinâmico, proporciona também as transformações sociais que marcam a paisagem urbana. Uma relação que está produzindo alterações nas

paisagens é a violência, pois ela é uma relação social de imposição, que interfere em maior grau nos grandes centros urbanos e começa a ter implicações em municípios de pequeno porte¹³, bem como cidades que fazem fronteiras internacionais como o caso de Bela Vista/MS, que começa apresentar uma alteração na paisagem urbana da área central da cidade.

¹³ Cf. NILSEN, Annie. **Criminalidade avança pelo interior**. Disponível em <http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=124> Acesso em: 15 de dezembro de 2010.

3 - O PROCESSO HISTÓRICO DE OCUPAÇÃO DO MUNICÍPIO DE BELA VISTA/MS

3.1. Histórico do Município: a herança fronteiriça

A região onde atualmente se situa o Município de Bela Vista/MS, teve seu devassamento efetuado, a partir de 1531, através das incursões dos sertanistas portugueses Pero Lopes e Francisco Chaves. No transcorrer do tempo, a área foi palco de sangrentos confrontos entre portugueses e castelhanos e, depois, entre brasileiros e paraguaios, todos com a ânsia de vincular aquelas terras ao seu país de origem¹⁴.

O tratado de Santo Ildefonso, assinado em 01 de outubro de 1777, reconheceu os direitos do Brasil sobre essa região, restabelecendo como linha de limite o Rio Corrente, atual o Rio Apa. Mesmo assim, em 1801, o Capitão Juan Caballero, do exército espanhol, cruza o Rio Apa, constitui o Forte São José e ali se fixa. As forças brasileiras, no ano seguinte, do Presídio de Miranda, sob a autoridade do Tenente Francisco Rodrigues do Prado, atacaram e arrasaram o Forte, aprisionando a guarnição; morrendo durante a peleja o Capitão Caballero. Do período de 1845, em diante, a região passou a ser percorrida por Joaquim Francisco Lopes e João Henrique Eliot, a mando de João da Silva Machado, Barão de Antonina, com a finalidade de estabelecer vias de comunicação, ligando essas paragens ao Estado de São Paulo¹⁵.

Em 1864, estoura a Guerra do Paraguai e a região se torna palco de sanguinolentos encontros. Onde no dia 11 de maio de 1867 ocorreu à violenta batalha que ficou conhecida como batalha do Ñandepá, onde hoje se encontra o monumento Ñandepá (Figura 04). Como Leite (2007, p. 164) descreve:

O combate do Nhandepá foi travado no dia 11 de maio de 1867, entre as forças militares brasileiras e paraguaias, por ocasião da Retirada da Laguna, (...). Foi o primeiro combate em terras brasileiras durante a retirada comandada pelo coronel Carlos Moraes Camisão, tão plena de episódios de sacrifícios e heroísmo, descritos pela memorável pena do Visconde de Taunay, e, nos dias de hoje, realçada por Acyr Guimarães, em seus livros “Seiscentas Léguas a Pé.”

Foram edificadas dois obeliscos simbolizando o monumento. Um está localizado dentro do cemitério público da cidade, onde os brasileiros estacionaram para enfrentar o combate. Outro um pouco mais rumo ao Rio Apa e a margem de uma pequena praça, local em que as forças paraguaias se fixaram para a luta.

¹⁴ Cf. <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/dtbs/.../belavista.pdf>

¹⁵ *Idem.*



Figura 04: Monumento *Nhandepá*.
Fonte: Toninho Souza.

Em abril de 1867, o Coronel Camisão corta a Rio Apa, ocupa o Fortim de Bela Vista no Paraguai, e marcha até Laguna, de onde inicia a épica Retirada, que se constituiu numa das mais belas páginas de nossa história, mas lavadas com sangue de nosso irmão da fronteira¹⁶.

No entanto, com outra perspectiva histórica, Leite (2007, 168) aponta que a última batalha foi travada em solos verdejantes de Bela Vista/MS. O referido autor a intitula de o último combate - o combate de Bela Vista/MS¹⁷.

O último ato guerreiro da Guerra do Paraguai ocorreu no solo verdejante de Bela Vista, a 8 de abril de 1870.(...).

Um dos maiores generais e estrategistas do exercito paraguaio, durante aquela campanha, foi Bernadino Caballero, e que, mais tarde, transformou-se em presidente da República do Paraguai.

Francisco Solano Lopes, quando às margens do Aquidabanigui, com falta de suprimento alimentício para o exército determinou ao general Bernadino Caballero que, com uma pequena tropa, determinou ao general abastecimento, especialmente de animais vacuns.

Dito general, com um pequeno contingente militar, saiu à procura de abastecimento, quando, a 8 de abril de 1870, foi surpreendido nas proximidades de Bela Vista, em terras pertencentes a Antonio Candido de Oliveira.

Morto Francisco Solano Lopes, o comando do exército da Tríplice Aliança, determinou a perseguição do general Bernardino Caballero.

¹⁶ *Ibidem*.

¹⁷ Sydney Nunes Leite, em sua obra: *Bela Vista Uma Viagem ao Passado*, expõe que a ultima batalha da Guerra do Paraguai, não ocorrera em Cerro Corá em 1º de março de 1870, culminando na morte de Francisco Solano Lopes, mas sim, em solo de Bela Vista em 8 de abril de 1870 com a perseguição da Tríplice Aliança e rendição de Bernardino Caballero. Vide LEITE, Sydney Nunes. **Bela Vista Uma Viagem ao Passado**. 3ª ed. Associação de novos escritores de MS. Campo Grande, 2007.

Assim, a 8 de abril de 1870, nas proximidades do Rio Apa, em Bela Vista, o major Francisco Xavier Marques, comandando parte do exército brasileiro, efetuou a rendição do general Bernardino Caballero e seus comandados.

Este foi o último ato de guerra. Rigorosamente, a Guerra do Paraguai foi encerrada com o Combate de Bela Vista, a 8 de abril de 1870. (LEITE, 2007 p. 168).

Assim, a região que sofrera total esvaziamento voltou, cinco anos depois, a receber novos moradores. Retornaram os Lopes, sobrinhos do Guia Lopes; os Barbosas, Leite, Ferreira, Pedra, Loureiro, Escobar, Melo entre outros pioneiros que constituíram Bela Vista/MS. Segundo, Leite (2007), José Lemes “Bugre” foi considerado o primeiro morador do local.

A *posteriori*, a região foi alvo de novas correntes migratórias, Leite (2007, p. 11), diz que:

(...) no final de 1870 chegaram os primeiros rio-grandenses-do-sul: Celino Flores e seus filhos (...) em 1888, Athanásio de Almeida Melo e Cândido Pinheiro, que eram irmãos, adquirem a Fazenda São Luiz, e, logo depois, chegaram outros familiares seus, (...).

O município de Bela Vista só foi criado em 1908, todavia, a sede municipal só foi elevada à categoria de cidade, por força da Lei nº 772, de 16 de julho de 1918¹⁸. É desconhecida a origem do topônimo do município. No entanto “segundo João Antônio José Maria Caporosi, que foi prefeito de 1937 a 1947, a nossa cidade adotou o nome de Bela Vista/MS, que era dada a região muito antes de sua fundação” (LEITE, 2007). Assim para melhor esclarecer:

(...) relativamente à organização de nosso quadro territorial do Estado, e somente na parte que se relaciona com o nome desta cidade, pelo qual pleiteamos a conservação não só por se tratar de um município antigo como também porque esse nome de Bela Vista relembra fatos tão homéricos registrados nas páginas de nossa historia pátria, que o próprio bronze é pequenino e efêmero para perpetuar-lhe a grandiosidade. Em 1867 quando por aqui passou a heróica ‘Retirada da Laguna’ já existia o nome de Bela Vista, conforme justificou a inscrição constante da tosca cruz de aroeira mandada por Urbietta, no local onde se deu o célebre combate Nhande-pá (...). Mesmo que esta cidade de Bela Vista, seja de categoria inferior a outras do mesmo nome, acho que os brilhantes feitos registrados nas páginas de nossa história, por si só se impõe a conservação de seu nome. E assim sendo sugerimos a efetividade do no de Bela Vista, para este município, nome que essa legião de bravos da Retirada da Laguna deixou perpetuado nesse amplo receptáculo de amor e de patriotismo – que é o coração do brasileiro (OFÍCIO Nº83, DE 31 DE JULHO DE 1943 *apud* LEITE, 2007, p.12).

Além dos sangrentos acontecimentos históricos, por muito tempo a fronteira do Brasil com o Paraguai ficou conhecida, por perdurar a lei do calibre 44, “como era natural naqueles

¹⁸ *Op.Cit.*

tempos, a grande maioria (...) portava o inseparável revólver, geralmente calibre 44 (...), que para muitos fazia parte da indumentária, e a sua falta dava uma caráter de nudez.” (LEITE, 2007, p. 145), o que também era uma realidade na localidade do município de Bela Vista/MS.

3.2. Localização Geográfica

Bela Vista município do Estado de Mato Grosso do Sul, situa-se entre as seguintes coordenadas geográficas: latitude (S): 22°06'32" e longitude (W): 56°31'16" (Figura 05).



Figura 05: Mapa de localização do município de Bela Vista-MS

Fonte: IBGE Cidades. Disponível em: < <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1> > acesso em: 14 de dezembro de 2010.

Bela Vista/MS faz limites com os municípios de Jardim ao Norte, Bella Vista República do Paraguai ao Sul, Antônio João a Leste e Caracol a Oeste. O município de Bela Vista/MS ocupa uma área de 5.315 km² e dista da capital, Campo Grande, pela rodovia BR 060, 355 km.

Inserida num contexto territorial de fronteira internacional, justapondo-se numa formação conurbada com o município adjacente, Bella Vista (PY). Ambos os municípios banhados pelo Rio Apa, sendo o mesmo o limite entre os territórios, brasileiro e paraguaio (Figura 06).

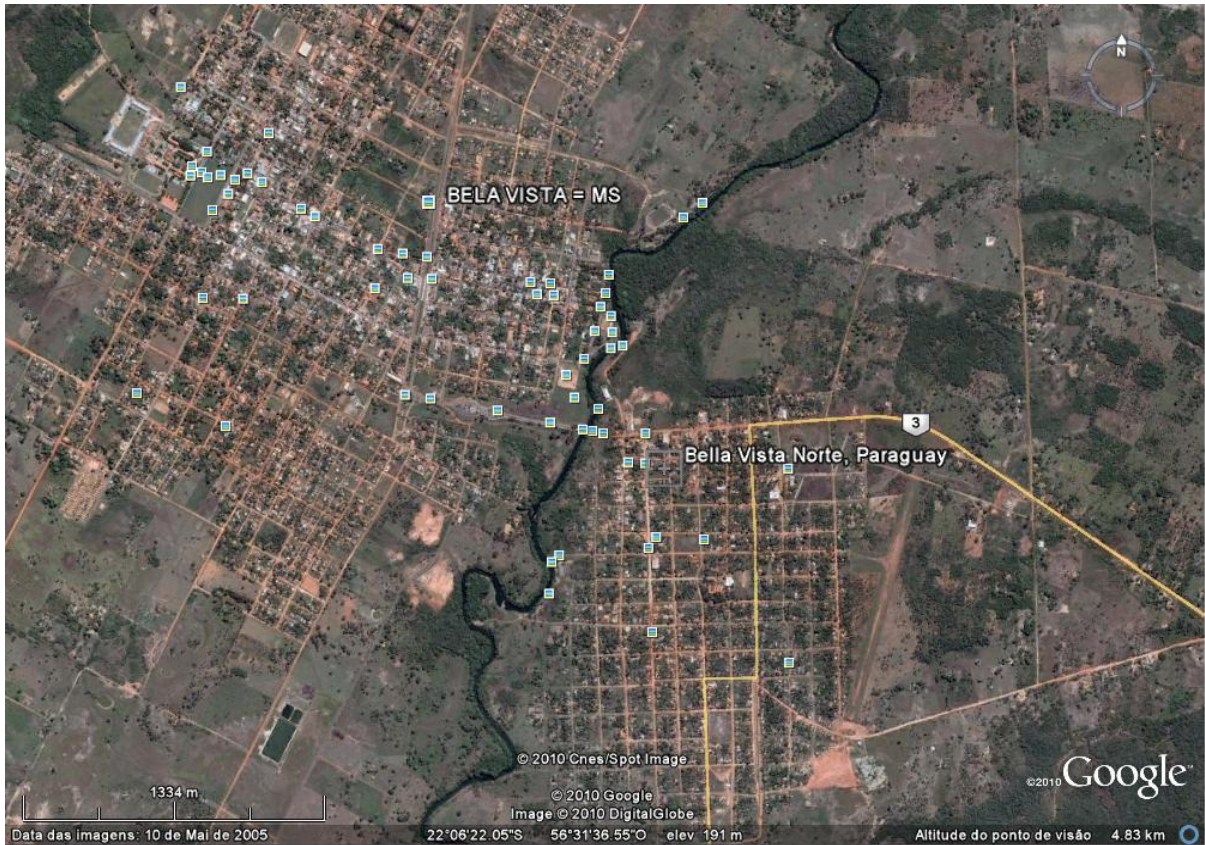


Figura 06: Conurbação das cidades-gêmeas: Bela Vista (Brasil) e Bella Vista (Paraguai).
Fonte: *Google Earth* (Acesso em 27/03/2010 às 20h06min31seg).

4 - O FENÔMENO DA VIOLÊNCIA NA CONURBAÇÃO FRONTEIRIÇA DE BELA VISTA/MS E SEUS EFEITOS NA PAISAGEM URBANA DA ÁREA CENTRAL

O aumento da criminalidade na sociedade brasileira, com raio de atuação micro e macro espacial, tão divulgado pela mídia, faz surgir configurações perceptíveis nas edificações expressando uma geografia do medo, visto que “passam a ser moldadas por altos muros, (...) cercas elétricas, sistemas de câmeras, alarmes (...)”, segundo Cruz e Sá (2006, p. 161).

Essas características de cidades de grande e médio porte se fazem presentes em municípios pequenos, contudo, com suas particularidades, como no caso de Bela Vista/MS, onde já faz perceptível na sua paisagem urbana elementos dessa “geografia do medo” apontada por Cruz e Sá (2006.). Sendo assim, é fato que a criminalidade vem transformando os aspectos paisagísticos e a utilização do espaço urbano, segundo Caldeira (2003) *apud* Cruz e Sá (2006) e por essa razão, constatou-se no município de Bela Vista/MS o início de uma alteração na paisagem urbana, seja pela instalação de grades e equipamentos de segurança, (Figura 07), seja pela ampliação dos muros, como uma ocorrência bastante contemporânea.



Figura 07: Residência da Área Central da cidade com cerca eletrificada.
Fonte própria, 2010.

Procurando uma resposta para essa situação, aplicou-se uma entrevista quantitativa¹⁹ aos moradores da área central, cujos resultados confirmaram essa reimpressão urbana como um fato recente, já que para a maioria dos entrevistados (60%), os equipamentos e outras alterações prediais ligadas à segurança foram promovidas entre um a dois anos, sendo que para o restante (40%) em sua quase totalidade, isso se aplica a não mais que cinco anos.

Outro dado interessante é que para a maioria dos entrevistados (90 %) a utilização dos *equipamentos de segurança*²⁰ ou alteração predial para aumentar a segurança do patrimônio não está relacionada com a sua condição fronteiriça e sim pela percepção dos mesmos de que está havendo um aumento nos casos de violência na referida área urbana.

Dessa maneira, a fronteira que hoje possui um caráter de permeabilidade em decorrência a um mundo cada vez mais globalizado, daí a falta de austeridade nas fronteiras, onde os fluxos de mercadorias e, sobretudo, pessoas se intensificam, como apontou Figueira (2005), todos esses fenômenos fronteiriços poderiam ser motivadores para o aumento dos índices de violência contra o patrimônio e a utilização de equipamentos de segurança residencial, no entanto, a pesquisa evidenciou que a alteração das fachadas prediais e residenciais está relacionada com a percepção empírica do aumento desses delitos na área urbana da cidade, e não pela condição fronteiriça da mesma.

Para corroborar ou refutar esses dados, foram realizadas pesquisas nos arquivos da mídia eletrônica local, na Delegacia de Polícia e com as empresas que comercializam os equipamentos de segurança predial.

Os veículos de informação nacional têm colocado em pauta, toda forma de violência e, por um lado, tem ajudado a fazer apreensões de infratores, mediante a divulgação, porém, por outro lado, tem instalado na sociedade brasileira uma sensação de insegurança e medo. (Cf. DINIZ, 2003). Em âmbito local, procurou-se realizar um levantamento na mídia eletrônica, foram levantados apenas casos como invasões, roubos e furtos a residências, bem como, a prédios públicos e privados. Obteve-se na mídia local de Bela vista/MS, poucas publicações dos delitos citados acima. O site de notícias, <<http://www.jatobanews.com.br>> Onde o

¹⁹ A entrevista quantitativa aplicada somente aos moradores que possuem sistemas de segurança.

²⁰ É o termo que define prevenção contra perigos, acidentes e perdas. Envolve preocupação em proteger pessoas, bens móveis e imóveis de danos. Assim, esses sistemas de segurança pode ser definida como um conjunto de equipamentos que quando instalados em uma residência ou estabelecimento comercial ou industrial controla possíveis acontecimentos que possam sugerir risco para a vida e os bens das pessoas. O sistema de segurança tem como finalidade detectar e avisar, por meio de sinais de alarme, alguma eventualidade para que sejam tomadas as providências necessárias. Os sistemas de segurança mais conhecidos são: segurança residencial ou doméstica, segurança privada e segurança condominial.

levantamento mostrou-se ínfimo nos casos de delitos a invasões roubos e furtos a residências. Todo acervo de notícias foram analisados e são referentes à data de 05 de dezembro do ano de 2007, e consta o número de 8.461 notícias gerais postadas até o dia 24 de abril de 2010, visto que elas são atualizadas diariamente. Dentre esse número, as notícias que são de interesse à pesquisa são de invasões roubos e furtos a residências, como exposto anteriormente, o número de notícias encontradas sobre esses delitos são de 11 ocorrências policiais, isto é, na mídia local, obteve-se um baixo número de registros de violência contra patrimônio residencial ou comercial nos últimos anos, contrariamente ao mencionado pelos residentes entrevistados.

Entretanto, consultando os arquivos da Delegacia de Polícia de Bela Vista/MS, os resultados foram contrários aos da mídia local e, convergentes aos apresentados pelos residentes entrevistados, demonstrando um aumento vertiginoso dos casos de violência na área de estudo nos dois últimos anos, o que pode ser realmente um motivador para a reimpressão da paisagem urbana, sobretudo nos anos de 2008 e 2009, conforme a figura abaixo.

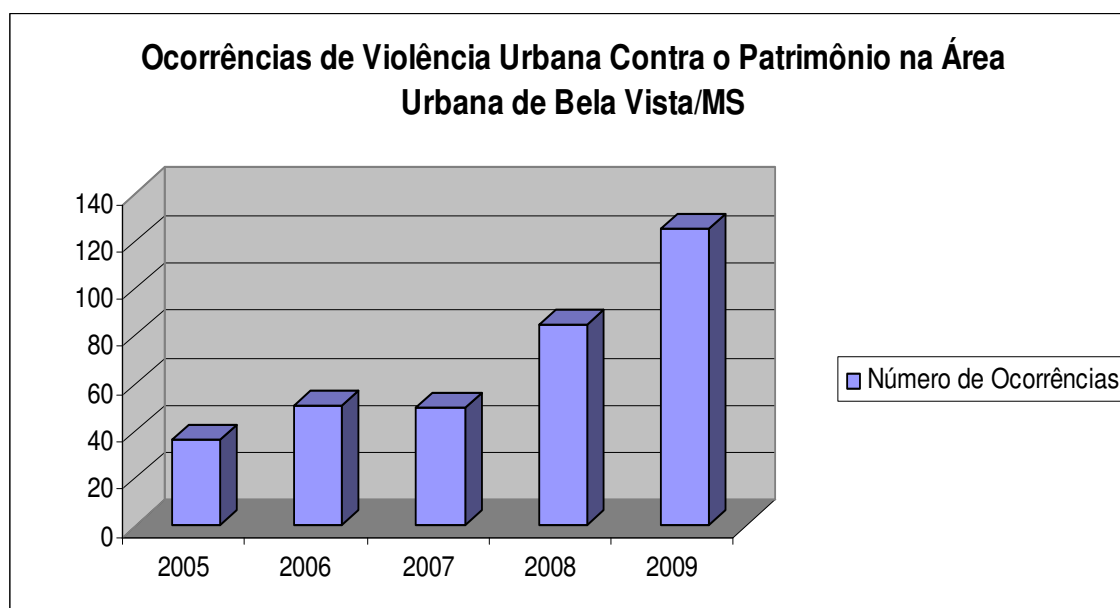


Figura 08: Gráfico das Ocorrências de Violência Urbana Contra o Patrimônio na Área Urbana de Bela Vista/MS.

Fonte: Delegacia de Polícia – Bela Vista/MS, 2010.

Org.: Alexander Chimenes, 2010.

Dessa forma, a criminalidade gera não apenas vítimas diretas, mas também um conjunto de vítimas indiretas que encontram seja nas taxas criminais, sejam em conversas e nos meios de comunicação geral, bases para a estimativa subjetiva de probabilidades de vitimização. Esta percepção, por sua vez, estabelece no imaginário dos indivíduos a

alimentação da sensação de insegurança, fazendo-os que os mesmos evitem certas áreas da cidade, bem como passem a investir em equipamentos de segurança pessoal. Grades, cercas elétricas, vigilância privada que já é traço comum das residências brasileiras, segundo Diniz (2003).

Observa-se que o medo e atmosfera de insegurança que a violência e a criminalidade produzem, adentra o espaço da própria residência onde certas interpretações e explicações normalmente simples, organizam a paisagem urbana modelando o cenário das interações sociais em que, a cidade adquire uma nova característica e paulatinamente vai se cercando de muro (CALDEIRA, 2000 *apud* SANTOS, 2002).

Assim, argumenta Diniz (2003, p. 2) que:

Curiosamente, nem sempre a sensação de insegurança ou o medo da vitimização guardam relação direta com a incidência criminal, uma vez que é possível que o cálculo subjetivo de probabilidades de vitimização exacerbe o sentimento de insegurança, acirrando padrões de conduta defensiva.

Os padrões de conduta defensiva expressa por Diniz (2003.), conduz as pessoas a adquirirem mecanismos para proteção residencial. Para que essa proteção se estabeleça, é necessário existir no espaço urbano empresas que a disponibilizem a população, seja a população regional ou local. Essas empresas que anteriormente eram fato comum aos grandes centros, nos dias atuais estão presentes em municípios pequenos, assim, elas também evidenciam que nesses espaços há um aumento da violência e da criminalidade, constituindo-se num elemento de constatação desse aumento. Assim, outro elemento que reforça a constatação de que há um aumento no índice de violência contra o patrimônio na área urbana de Bela Vista/MS nos dois últimos anos, e daí a já perceptível mudança na paisagem urbana central dessa cidade, é o surgimento de duas empresas de venda de equipamentos de segurança nesse município, colocando Bela Vista/MS no que Clovis Brigadão (1988) *apud* Marcelo José Lopes de Souza (1996) chamou de “mercado da segurança”.

Nessas empresas de segurança, com a finalidade de obter mais elementos que permitam uma análise do objeto deste estudo, foram realizadas entrevistas com os responsáveis pelas mesmas questionando-os se a condição fronteira de Bela Vista/MS favorecia a venda e instalação dos sistemas de segurança, ao que foram unânimes em afirmar que não. Também apresentaram um novo componente de análise, ao mencionarem que para alguns proprietários, além do fator segurança, os equipamentos valorizam o imóvel tornando-os “mais bonitos”. Ou seja, mais do que valor de uso, os equipamentos incorporam valor estético, que nas pequenas cidades passa a agregar um diferencial social de acordo com o tipo

de proteção que se coloca na fachada predial. Assim sendo, observa-se que em determinadas situações, “(...) nos dias de hoje, essa questão vai além da necessidade de proteção, engloba também outros fatores como estética e *status* social”. (CRUZ; SÁ, 2006, p. 126).

Esses equipamentos de segurança não se destacam apenas como componentes dos prédios mais recentes. Igualmente, aos prédios da área central de Bela Vista/MS e de outros bairros adjacentes são centenários e guardam um valor histórico segundo Leite (2007). É que apresentam as marcas de uma geografia do passado. Nesses prédios de arquitetura secular também estão sendo impregnados equipamentos que resultam em novas feições.



Figura 09: Edificação antiga com mecanismo de segurança – cerca eletrificada.
Fonte própria 2010.

Ainda mais por serem edificações antigas que não apresentam recuo entre prédio e circulação pública (calçadas), o que, no entendimento de seus proprietários, os torna mais vulneráveis à marginalidade e, portanto, são prédios que requerem mais aparato de segurança.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse trabalho buscou-se observar, os conceitos-chave referentes a essa temática, como: Fronteira, violência, paisagem urbana e o urbano. Na qual foi realizada uma revisão bibliográfica dos mesmos, que serviram como suporte teórico para a realização do presente trabalho.

Sobre fronteira, foi abordado desde sua distinção com o limite, que muitos entendem como sinônimos, mas que são conceitos diferentes e indissociáveis, onde o limite pode ser compreendido como uma linha imaginária, e a fronteira expressa o marco desse limite, sendo que o limite foi criado para manter coesa uma unidade territorial.

É muito comum as fronteiras apresentarem problemas, ainda mais com o fenômeno da globalização que as tornam permeáveis e com deficiente austeridade fiscal, pelo menos na fronteira do Brasil com o Paraguai, e assim, facilita todo tipo de circuitos ilegais, o que pode proporcionar índices de violência elevados.

Nas conurbações fronteiriças, encontram-se cidades-gêmeas, assim como Bela Vista/MS e Bella Vista Norte, que ocupam posição simétrica a linha divisória, o rio Apa, as cidades-gêmeas que muitas vezes se articulam independentemente de deliberações governamentais, no entanto, são carentes de dados, para implementações de integração federal, como foi evidenciado no decorrer desse trabalho.

Atos violentos estão presentes nas fronteiras desde a guerra da Tríplice Aliança. Por isso, as fronteiras são espaços que no imaginário de muitos indivíduos, emanam alta periculosidade, contudo, em todo espaço, seja ele fronteiro ou não, a violência se faz presente, pois ela é intrínseca à sociedade, assim, com o seu aumento, ela passa a interferir direta ou indiretamente na sociedade, que se protege da forma que pode e, aí paulatinamente a fisionomia das cidades vai ganhando novos elementos ditados pelo medo, (Cf. Diniz, 2003) que são os mecanismos e sistemas de segurança, que já são realidade em pequenas cidades, como Bela Vista/MS.

É também através da paisagem urbana que o ambiente das alterações pode ser visto. Não obstante, a dinâmica de certos elementos atua na construção do espaço, pois o espaço é o conteúdo, onde acontecem as relações sociais que se materializa na paisagem, daí com o aumento da violência e da criminalidade, que são considerados relações sociais de imposição, pois obriga o outro a aceitar o indesejado e que apresenta conseqüentes danos, físicos,

psicológicos e materiais, assim, essas relações sociais vão prescrevendo por certo uma “geografia do medo” (Cruz; Sá, 2006) que vai se alastrando do macro a micro escala.

Sendo assim, com base nos dados levantados no decorrer desta pesquisa, é inegável o aumento da violência urbana contra o patrimônio, sobretudo nos dois últimos anos em Bela Vista/MS.

Outra constatação é que a população local tem a percepção dessa emergente marginalidade, sendo esse um motivador preponderante na aquisição e instalação de sistemas de segurança predial, ou ampliação de muros, colocação de grades, arames, e outros mecanismos de segurança, o que já produz uma alteração da paisagem urbana central da cidade de Bela Vista/MS, na fronteira do Brasil com o Paraguai.

Outro aspecto constatado nessa pesquisa é que a localização de Bela Vista/MS numa conurbação fronteiriça não contribuiu para transformação da paisagem urbana pela incorporação de mecanismos de segurança, o que demonstra, num segundo plano, que esta fronteira não se enquadra no imaginário de fronteira como áreas de criminalidade e exclusão, mas sim de integração.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMÉRICO, Carlos da Silva; FONSECA, Jennifer Silva; OLIVEIRA, Tito Carlos Machado de. **Desenvolvimento humano e econômico na fronteira Brasil/Paraguai e suas relações com a violência urbana.** 2009.

ATUALIDADES, **Plano Colômbia:** mais uma do imperialismo norte-americano. Disponível em: < <http://historianet.com.br/conteudo/default.aspx?codigo=273>> Acesso em: 10 de Dezembro de 2010

BACIC OLIC, Nelson. **Estados Unidos e México:** o perigo da fronteira. 2003. Disponível em: <http://www.clubemundo.com.br/revistapangea/show_news.asp?n=190&ed=4> Acesso em: 03 de março 2010.

BRASIL, Ministério da Integração Nacional. Secretaria de Programas Regionais. **Programa de Desenvolvimento da Faixa de Fronteira.** Proposta de Reestruturação do Programa de Desenvolvimento da Faixa de Fronteira/Ministério da Integração Nacional – Brasília: Ministério da Integração Nacional, 2005. Disponível em: < http://www.integracao.gov.br/programasregionais/publicacoes/faixa_de_fronteira.asp> Acesso em: 10 de Dezembro de 2010.

BRANCO, Marcello Simão; OLIVEIRA, Rafael da Silva. Onde o Brasil acaba. **Discutindo Geografia**, São Paulo, nº17, 3. 2007, p. 35-36.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **A cidade.** 8ª Ed. São Paulo: Contexto, 2009.

CARNEIRO FILHO, Camilo Pereira. **Interações espaciais e cidades-gêmeas na fronteira Brasil-Argentina:** São Borja/Santo Tomé – Itaqui/Alvear, artigo parte da Dissertação de mestrado do autor, realizada junto a PPGG/UFRJ, Rio de Janeiro, defendida em março de 2008.

CAVALCANTI, Lana de Souza. Uma geografia da cidade – elementos da produção do espaço urbano. In: CAVALCANTI, Lana de Souza (org.) **Geografia da cidade: produção do espaço urbano de Goiânia**: Editora Alternativa, 2001.

CRUZ, Luciana da; SÁ, Alcindo de. **A conversão das residências em prisões: Até que ponto a violência modifica o espaço urbano**. Revista de Geografia. Recife: UFPE – DCG/NAPA, V 23, nº 1, jan/jun. 2006.

Conhecimento Prático GEOGRAFIA (Revista). As duas Coreias do norte e do sul: dois paralelos com ideologias diferentes. S. l. nº 29, p.19-21.

DINIZ, A. M. A. **A geografia do medo: reflexões sobre o sentimento de insegurança em Belo Horizonte**. O Alferes, Belo Horizonte, v. 18, p. 119-133, 2003.

FERREIRA, Aurélio. B. de Holanda. **O minidicionário da língua Portuguesa**. 4ª Ed.rev. ampliada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

FIGUEIRA, Ariane Roder. **A agenda externa brasileira em face dos ilícitos transnacionais: o contrabando na fronteira Brasil e Paraguai**. São Paulo: USP, 2005.107f. Dissertação (Mestrado) Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas/Dep. Ciências Políticas. São Paulo, 2005.

FRANCISCO FILHO, Lauro Luiz. **Distribuição espacial da violência em Campinas: uma análise por geoprocessamento**. – Rio de Janeiro: UFRJ/IG, 2003.170f. Tese (doutorado) – UFRJ/ Instituto de Geociências/Departamento de Geografia/ Programa de Pós-graduação em Geografia, 2003.

GUETTI, Isabela. **Barreiras urbanas em cidades de fronteira: análise das cidades-gêmeas Ponta Porã/BR e Pedro Juan Caballero/PY**. Campinas, 2006.

GULLO, Álvaro de Aquino e Silva. **Violência Urbana: um problema social**. **Tempo Social: Revista de Sociologia da USP**, S. Paulo, 10(1): 105-119, maio de 1998. Disponível em: <http://www.fflch.usp.br/sociologia/temposocial_2/pdf/vol10n1/violencia%20urbana.pdf> Acesso em: 23 de maio 09.

WAGNER, Carlos. **PAÍS-BANDIDO: crime tipo exportação**. Porto Alegre/RS: RBS Publicações, 2003.

HISTÓRICO. Bela Vista Mato Grosso do Sul – MS. Disponível em: <<http://biblioteca.ibge.gov.br/visu.../belavista.pdf>> Acesso em: 29 de set. 2010.

LEITE, Sydney Nunes. **Bela Vista uma viagem ao passado**. 3ª ed. Campo Grande: Associação de novos escritores de MS, 2007.

MACHADO, L.O. Fronteiras, Limites, Rede. In: T. M. Strohaecker, A. Damiani, N. O. Schaffer, N.Bauth, V.S.Dutra (org.). **Fronteiras e Espaço Global**. AGB - Porto Alegre, 1998.

MÉLO, José Luiz Bica de. **Reflexões Conceituais Sobre Fronteira**. In: CASTELLO, Iara Regina (Org). **Fronteiras na América Latina: Espaço em transformação**. Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS, Instituto Goethe/ICBA, 1995. p. 68-69.

NILSEN, Annie. **Criminalidade avança pelo interior**. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=124> Acesso em: 15 de dezembro de 2010.

OLIVEIRA, Tito Carlos Machado de. Fronteira Mesopotâmica (Considerações sobre o território binacional da Bacia Platina). In **Encuentro Internacional de Ciudades Fronterizas Del Mercosul**. S/L, setiembre de 2003.

PAIXÃO, Roberto Ortiz. **Turismo na fronteira**. – Campo Grande, MS: Ed.UFMS, 2006.

QUEIROZ, Ivan da Silva. Espacialidade do medo em Fortaleza. **Revista casa de Geografia de Sobral**, volume 2/3, no. 1, 2000/2001.

RIBEIRO, J. C. A; CHAVEIRO, Eguimar Felício. **Violência urbana, espaço e subjetividade: uma leitura geográfica da violência urbana cotidiana**. Revista Mirante, v III. Disponível em: <<http://www.revistamirante.net/3ed/2911200718.pdf>> Acesso em: 28 de ago. 2009.

SANTOS, Milton. **Metamorfose do espaço habitado**. Hucitec. São Paulo. 1988.

SANTOS, Paulo Lucio. **Crime e comunidade**. FAPESP. 2002.

SANTOS, José Vicente Tavares dos. **A violência como dispositivo de excesso de poder**. Sociedade e Estado, Brasília, v. 10, n 2, p. 281-298. 1996

SARMENTO, João Carlos Vicente. **Representação, imaginação e espaço virtual**: geografia de paisagens turísticas em West Cork e nos Açores. Coimbra. 2004.

SOUZA, Marcelo José Lopes de. **Urbanização e Desenvolvimento no Brasil Atual**. São Paulo: Ática, 1996.

VIEIRA, Marcos Vinicius. **A modelagem da paisagem carioca pela violência urbana**: uma investigação. Rio de Janeiro: UERJ, 2009. 145f. (Dissertação de Mestrado) Universidade do Estado do Rio de Janeiro/Instituto de Geografia, 2009.